

**Masculinidade hegemônica, afeminofobia e sofrimento psíquico à partir da experiência de  
homens gays**

Luis Fernando Olivalves

Brasília  
Dezembro de 2023

**Masculinidade hegemônica, afeminofobia e sofrimento psíquico à partir da experiência de  
homens gays**

Luis Fernando Olivalves

Monografia apresentada à Faculdade de  
Psicologia do Centro Universitário de  
Brasília (UniCEUB) como requisito para  
conclusão do curso de psicologia.

Professora-orientadora: Me. Livia Campos e  
Silva

Brasília  
Dezembro de 2023

### **Folha de Avaliação**

**Autor:** Luis Fernando Olivalves

**Título:** Masculinidade hegemônica, afeminofobia e sofrimento psíquico à partir da experiência de homens gays

Banca Examinadora

---

**Me. Livia Campos e Silva**  
**(Presidente - Orientadora)**

---

**Dr. Guilherme Freitas Henderson**  
**(Parecerista)**

---

**Dr. Lucas Alves Amaral**  
**(Convidado)**

## **Agradecimentos**

Primeiramente agradeço à minha mãe Silvana Regina França Marques, minha base, por sempre acreditar em mim, me encorajar e proporcionar uma grande conquista como essa. Agradeço ao meu pai, que pela ausência, pude ressignificar o valor e a importância da presença. À toda a minha família, obrigado a cada um que me incentivou nesse percurso.

Às minhas amigas Amanda Leite Alves, Lorena Gosendo Noletto e Milena Viana Sacre por estarem comigo desde o primeiro dia da faculdade, por me incentivarem, proporcionarem momentos inesquecíveis durante toda minha trajetória acadêmica, pela escuta, apoio, cumplicidade, presença e amor de vocês.

Agradeço a todos que se identificam como meninos e homens gays afeminados, dedico essa monografia à vocês. Que diante da luta diária contra a escuridão da violência da nossa sociedade, conseguem acender e manter o brilho em suas vivências. O brilho de suas autenticidades, singularidades, da paz de saberem que não tiveram de se anular em cada uma de suas conquistas e que consigam, cada vez mais, iluminar esse mundo.

À minha orientadora Livia Campos pelo apoio, compreensão, presença e por todo cuidado durante a elaboração deste trabalho. À todo o corpo docente do CEUB por todos os aprendizados que extrapolam a minha formação como profissional. Agradeço especialmente aos professores Guilherme Henderson, Valéria Mori, Flávia Timm e Ana Flávia Madureira por terem despertado o desejo em mim na busca de ser um grande profissional.

Aos 4 participantes deste trabalho: Bini, Paulo, Rogério e Yago. Agradeço a vocês por terem confiado em mim uma parte de suas histórias. Cada linha aqui escrita foi inspirada pela potência de seus relatos.

## Resumo

A sociedade brasileira é entrelaçada pelos desdobramentos do patriarcado, pelos padrões e estereótipos da masculinidade hegemônica, a qual possui um grande impacto no processo de subjetivação de homens gays. Diante deste contexto, o presente trabalho buscou compreender, a partir de uma visão cultural e psicanalítica, a significância histórica da masculinidade hegemônica e o seu grande pilar, a afeminofobia, como precursores do sofrimento psíquico de homens gays. Para tal, a metodologia utilizada foi a análise do discurso. O estudo foi composto por uma entrevista semi-estruturada com quatro participantes que se identificam como homens gays, sendo dois afeminados e dois não. A discussão centrou-se em quatro eixos temáticos, que se constituíram levando em consideração as dificuldades no processo de reconhecimento de suas sexualidades, atração e desejo pela masculinidade com características hegemônicas, aversão à feminilidade e vivências na comunidade gay. Concluiu-se que há presente uma internalização dos padrões da masculinidade hegemônica em homens gays, em que a mesma dificulta o processo de reconhecimento e aceitação da homossexualidade, influenciando a construção de seus desejos sexuais e afetivos; na propagação da afeminofobia e da homofobia, internalizadas na comunidade gay e no agravamento de seus próprios sofrimentos psíquicos.

Palavras-chave: afeminofobia; psicanálise; masculinidade hegemônica; homossexualidade; sofrimento psíquico.

### **Abstract**

Brazilian society is intertwined by the developments of patriarchy and the standards of the stereotypes of hegemonic masculinity, which has a great impact on the process of subjectivation of gay men. Given this context, this research sought to understand, from a cultural and psychoanalytic perspective, the historical significance of hegemonic masculinity and its great pillar, afeminophobia, as precursors of the psychological suffering of gay men, thus highlighting the suffering of gay men that are considered effeminate. To this end, the methodology used was discourse analysis. The study consisted of a semi-structured interview with four participants who identify as gay men, two of whom were effeminate and the others were not. The discussion focused on four thematic axes, which were created taking into account the difficulties in the process of recognizing their sexualities, attraction to men considered masculine, aversion to femininity and the experiences in the gay community. It was concluded that there is an internalization of hegemonic masculinity standards in gay men, where it hinders the process of recognition and acceptance of homosexuality, influencing the construction of their sexual and emotional desires; in the spread of afeminophobia and homophobia, as well as in the worsening of their psychological suffering.

Keywords: afeminophobia; psychoanalysis; hegemonic masculinity; homosexuality; psychological suffering.

## SUMÁRIO

Introdução.....	2
Capítulo 1: Gênero, Masculinidade e Normatividade.....	8
Reflexões Sobre Masculinidade.....	12
A Homossexualidade, rompimento de norma e afeminofobia.....	16
Sofrimento psíquico na subjetividade de homens gays.....	20
Capítulo 2: Método.....	25
Procedimentos de coleta do material.....	28
Procedimentos de análise do material.....	28
Capítulo 3: Resultados e discussão.....	30
A falta da identificação e representatividade no processo de reconhecimento da sexualidade de homens gays: <i>"Estava cansado de olhar por todo lado e não conseguir me identificar"</i> .....	31
As influências da masculinidade hegemônica na subjetivação de homens gays: <i>"Quanto mais macho, mais padraozão, maior o nível de aceitação e com isso você se sente melhor"</i> .....	40
A construção do desejo voltada para masculinidade: <i>"É como se numa balança, o homem mais masculino pesasse mais do que o afeminado"</i> .....	45
Afeminofobia sobre a ótica psicanalítica: <i>"A gente vai sendo educado para não ser feminino ter uma certa aversão ao feminino"</i> .....	52
Afeminofobia e homofobia internalizada na comunidade gay: <i>"Comunidade não acho que é a palavra certa para definir pois ainda não age como uma"</i> .....	57
Considerações Finais.....	62
Referências.....	64
Apêndices.....	69
Apêndice A.....	69
Anexos.....	70
Anexo A.....	70

**Lista de Tabelas**

Tabela 1. Caracterização dos Participantes.....30

## Introdução

Em 2014 foi divulgado pelo G1<sup>1</sup>, no Rio de Janeiro, um caso cujo pai foi acusado de matar o próprio filho de 8 anos. O crime foi cometido porque seu filho teria um comportamento “desobediente” na visão do pai. O gosto do jovem pela dança do ventre, lavar louça, não querer cortar o cabelo e às vezes andar “rebolando” incomodavam o pai, pois considerava comportamentos “afeminados”. Com isso, passou a espancá-lo frequentemente, com o intuito de ensiná-lo a ser um “homem de verdade”, sendo esta a motivação para a prática do crime (G1, 2014).

Diante do caso mencionado, pode-se evidenciar uma aversão muito grande por parte do masculino em possuir alguma relação e associação a elementos associados à feminilidade. Essa associação parece tão incompatível, que podem até mesmo levar ao assassinato. Isso é uma evidência das consequências históricas de uma sociedade e cultura patriarcal, a qual utilizava da masculinidade hegemônica como padrão.

A masculinidade hegemônica foi um termo muito utilizado nesta monografia, pois este simboliza o modelo, o estereótipo e o padrão de homem considerado como o ideal, para a sociedade ocidental moderna, onde a agressividade, o exercício da heterossexualidade, e o poder, e a oposição à feminilidade dominam. Os sujeitos que se enquadram dentro destes aspectos sociais correspondentes à masculinidade hegemônica são associados a um nível de superioridade, caracterizado pela dominação masculina, submetendo a figura feminina a uma posição de inferioridade. Além disso, desprezam os indivíduos que não adotam esses padrões e estereótipos acerca da masculinidade, não performando de maneira esperada o seu papel social de gênero. Evidencia-se, nesse contexto, homens homossexuais que se consideram, ou são intitulados socialmente como afeminados, ou que expõem traços e elementos associados à figura feminina (Bourdieu, 2005).

---

<sup>1</sup> Caso disponível em:  
<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/12/homem-que-matou-filho-no-rio-por-ser-afeminado-vai-juri-popular.html>

Pelas contribuições psicanalíticas é possível analisar essa “aversão”, tanto contra a feminilidade quanto contra a homossexualidade de homens gays, evidenciando o conceito de falocentrismo, o que reverbera numa crítica da própria psicanálise, mas que também consideramos como de suma importância para a compreensão deste trabalho. Este conceito é baseado no domínio e na superioridade masculina e na inferioridade feminina, sendo a presença do falo uma simbologia que vai muito além do órgão sexual, sendo uma representação e uma ideologia do poder. Nota-se que em homens homossexuais, com comportamentos heteronormativos, que desenvolvem um jeito e comportamentos que se “assemelham” aos homens héterossexuais, como: virilidade, voz grossa, corpos musculosos, entre outros, são indivíduos categorizados com a presença do falo, ou seja possuidores de poder. Já os sujeitos considerados afeminados, por possuírem voz fina, corpos e “trejeitos” que desviam do possível padrão estético hegemônico comum de masculinidade, são categorizados como desviantes, destituídos do falo e, assim, do poder (Cunha & Mattos, 2022).

Desse modo, parece estabelecer apenas um padrão de masculinidade e quaisquer outros tipos, que diferem desse “padrão”, são considerados inferiores, subalternizados e marginalizados, desvalorizando as diversas construções das masculinidades. Logo, acabam desconsiderando as várias formas dos sujeitos se compreenderem como homens, destacando as masculinidades gays afeminadas que, por muitas vezes, não são consideradas legítimas, retirando-lhes níveis que constituem a sua humanidade, desde a negação de seus direitos, a violência até mesmo as suas mortes (Connell, Messerschmidt & Fernandes, 2013).

Essas questões podem ser evidenciadas em uma carta enviada a Freud (1935), na qual uma mãe lhe pediu para que se “curasse” o filho dela, um homossexual. Esta demanda da mãe, parte de um constructo social no qual, por muito tempo, considerava a homossexualidade como uma patologia, uma perversão, uma desordem e um distúrbio. Freud, em contrapartida, respondeu a essa demanda afirmando que não há de se envergonhar da homossexualidade, de que a mesma não é uma doença e que a considera apenas uma entre outras variantes da função sexual (Iannini,

2019).

Freud (1935) então afirmava ser uma grande injustiça perseguir a homossexualidade como um crime ou uma doença. Seu interesse nunca foi em desvalorizar, inferiorizar ou julgar a homossexualidade, mas sim em compreender as suas causas, sua gênese e sua estrutura. Desse modo, a psicanálise se opõe à tentativa de separar a homossexualidade como um grupo particularizado. Ao contrário, confere igualdade em relação a seus pares heterossexuais, no que se refere ao destino da pulsão (Iannini, 2019).

Quem dera a nossa cultura e sociedade refletissem as mesmas ideias de Freud, porém ainda é muito presente, em nosso contexto social, a estigmatização, a discriminação e a violência contra homossexuais. Essas violências, quando em seu núcleo, constituído pelo ódio direcionado a pessoas com orientações afetivo-sexuais que diferem da heterossexualidade, ou seja, da hegemonia, é denominada homofobia. Constitui-se por ser uma barreira rígida que limita as fronteiras para o outro, possui em seu discurso punições contra o diferente, contra a diversidade principalmente no campo da sexualidade (Madureira, 2010)

Homens gays, assim como a comunidade LGBTQIAPN+, tornam-se então vulneráveis a esse ódio e violência, afetando suas instituições sociais, ameaçando até mesmo suas integridades físicas e emocionais, causando intenso sofrimento psíquico a esses sujeitos. Muitos/as não são aceitos/as pela própria família, são excluídos/as na escola, humilhados/as no contexto religioso, não têm seus direitos respeitados e acabam tendo dificuldades para lidar com tudo isso (Barbosa, 2017).

A violência contra a comunidade LGBTQIAPN+ é tão grande, que resultou em 300 mortes motivadas por “LGBTfobia”, em 2021, enfatizando um crescimento de 8% em relação ao ano anterior<sup>2</sup>. Os maiores índices da homolesbotransfobia foram coletados em 2018, com um número total de 420 mortes, de acordo com o relatório de assassinatos do Grupo Gay da Bahia (2018)<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/mortes-violentas-lgbt-cresceram-2021/>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/um-lgbt-morreu-a-cada-20-horas-no-brasil-em-2018-confira-dados-do-relatorio>

Em 2022 os dados de assassinatos correspondem a 135 mortes (estatísticas referentes ao mês de janeiro a julho). Os dados, até então atuais, evidenciam que a violência contra a comunidade LGBTQIAP+ cresceu significativamente, proporcionando 35,2% a mais de agressões, 7,2% a mais de homicídios e 88,4% a mais de estupros das pessoas identificadas como tais. De acordo com os dados do Conselho Nacional de Justiça (2022), caracteriza-se que os perfis das vítimas de maiores índices de mortalidade correspondem à orientação sexual do homem gay com 57,6% de vítimas, 15,2% das vítimas lésbicas e 12,1% das vítimas travestis. Esses dados e estatísticas caracterizam o Brasil como o país com mais assassinatos de LGBTQIAPN+, resultando uma morte a cada 29 horas.<sup>4</sup>

Além dos dados, evidencia-se outro fator muito preocupante, a tentativa de suicídio em adolescentes e jovens homossexuais é preocupantemente alta, sendo a homofobia sua grande fonte. Jovens gays, lésbicas assim como toda comunidade LGBTQIAPN+, são três vezes mais propensos a tentar cometer suicídio em comparação aos jovens heterossexuais. Evidencia-se que 30% dos suicídios, principalmente os que ocorrem durante a adolescência, podem estar relacionados com questões sobre a orientação sexual dos indivíduos (Toledo & Pinafi, 2012).

O binarismo sexual, com suas raízes oriundas do patriarcado, exerce forte influência na sociedade, onde a dominação masculina, a heteronormatividade e as violências sexuais e de gênero são legitimadas. Na infância, os meninos são submetidos à heteronormatividade, tendo a imposição de desejar as meninas, assim como de rejeitar todos os traços e comportamentos associados à feminilidade. No entanto, essa não é a realidade de todos os meninos. Os meninos, assim como os homens gays que não rejeitam, mas expressam a sua feminilidade, que são considerados afeminados, experimentam, perante a sociedade, a inferiorização, a perda e a depreciação do seu valor. Evidencia-se o conceito de “afeminofobia” entrelaçado à homofobia, porém todo o preconceito e violência é especialmente contra o feminino no corpo masculino. Sendo este conceito uma grande fonte para discriminações, assassinatos e aversões até mesmo

---

<sup>4</sup> Disponível em:

<https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2022/08/relatorio-pesquisa-discriminacao-e-violencia-contralgbtqia.pdf>

entre homens homossexuais (Moura & Nascimento, 2020).

Diante do exposto, levantamos as seguintes questões: em que medida a violência homofóbica e o ódio ao feminino são internalizadas por sujeitos que manifestam uma sexualidade heterodissidente? Como se configura a dimensão do sofrimento psíquico nos sujeitos que vivenciam essa experiência? De que forma a psicanálise pode contribuir na direção do tratamento e no questionamento das opressões vivenciadas por esses sujeitos?

Pensando sobre essas questões mencionadas, o objetivo deste trabalho consistiu em investigar o sofrimento psíquico e os processos de subjetivação de homens gays, diante da padronização e normatização dos estereótipos da masculinidade hegemônica. Além disso, foi de grande importância identificar os impactos das normas, crenças e valores culturalmente enraizados pela masculinidade hegemônica e seus atravessamentos, na construção das diversas masculinidades e dos processos de subjetivação de homens gays. Congruente a isso, foi de grande valor examinar de que maneira a psicanálise contribuiu para a despatologização da homossexualidade, ainda no século XX e em que medida ela reproduz compreensões heteronormativas. Foi também, de muita relevância, analisar a afeminofobia e a homofobia internalizada entre homens gays, como um reflexo da misoginia enraizada em nossa cultura e sociedade e seus impactos no sofrimento psíquico de homens gays.

Partindo dos princípios da Resolução do Conselho Federal de Psicologia N° 001/99<sup>5</sup>: “Art. 1° - Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade. Art. 2° - Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatização contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas”. Nesse sentido, é de extrema importância pensar em uma ponte entre a clínica psicanalítica e as demais identidades de gênero e das orientações sexuais que diferem da cisgeneridade e heterossexualidade para a promoção da saúde contra a

---

<sup>5</sup> Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999\\_1.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf)

homofobia, afeminofobia e no tratamento do sofrimento psíquico.

Diante das minhas vivências, sendo um homem gay, percebi que muitas das minhas inseguranças, medos, angústias e ansiedades partiam da construção da minha identidade. Por muito tempo tentei me enquadrar nos padrões de gênero, rígidos, de um modelo normativo de masculinidade construído e reforçado na sociedade brasileira. Esse modelo é representado principalmente pela figura do homem cisgênero, heterossexual e de classe média alta. É também caracterizado pela associação da masculinidade ao comportamento “predatório”, dominador, agressivo e viril, algo que não condizia com a minha essência, com quem realmente sou.

Por me identificar com aspectos, culturalmente e socialmente relacionados ao feminino, notei, por consequência, comportamentos diferenciados os quais afetaram minha autoestima, segurança, relações e bem estar. Pensava que o problema estava em mim, constantemente pensava no por que não consigo ser másculo o suficiente? Por que não consigo me enquadrar nesses padrões? E o principal, por que minha feminilidade é um problema?

## **Capítulo 1: Masculinidade hegemônica, afeminofobia e sofrimento psíquico à partir da experiência de homens gays**

Para aprofundar nessas questões, a fundamentação teórica será dividida em quatro eixos **(i) “gênero, masculinidade e normatividade”**, adentrando nos conceitos de gênero, seus papéis e seus impactos na cultura e na sociedade. **(ii) “Reflexões sobre masculinidades”** o qual analisa padrões, historicamente construídos, associados à masculinidade e seus impactos nos processos identitários e subjetivos dos indivíduos. **(iii) “Masculinidade, rompimento da norma e afeminofobia”** aprofunda na associação da feminilidade e das construções da masculinidade evidenciando o conceito “afeminofobia”. **(iv) “Sofrimento psíquico na subjetividade de homens gays”** evidencia o sofrimento psíquico em homens gays frente à afeminofobia e aos padrões normativos da masculinidade.

### **1.1 Gênero, Masculinidade e Normatividade**

É de suma importância compreender a relevância dos estudos de gênero. Tais estudos aprofundam em questões de ordens sociais, que possuem um grande impacto e influenciam na construção e nas regulamentações das pessoas. Além disso, penetram em questões simbólicas sobre o sexo e o desejo (grande fonte pulsional das orientações sexuais), partindo de uma visão abrangente e crítica do processo que os normalizam. Logo, os estudos de gênero discutem as construções culturais a respeito das masculinidades e feminilidades, suas origens, o que as fundamentam e as relações as quais possuem nas pessoas e na sociedade (Butler, 2003).

Diante dos estudos científicos e sociais de Cunha & Mattos (2022), é de extrema importância destacar o movimento feminista e todas as suas contribuições, por conscientizar e proporcionar discussões acerca das opressões provenientes das dominações masculinas, da invisibilização da mulher e das demais minorias frente a uma sociedade patriarcal, misógina, sexista e hegemônica. Esse movimento preza pela luta do reconhecimento de direitos e igualdade de todos os seres humanos. Logo, na tentativa de investigar questões acerca das construções masculinidade, a categoria gênero ganha visibilidade, compreendendo como um modelo

específico de masculinidade, caracterizado pela hegemonia, é introjetado pelos homens e como essa masculinidade impacta seus relacionamentos (entre si, com as mulheres e com a sociedade), algo que será abordado ao longo do trabalho (Brito, 2019).

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” frase de Simone de Beauvoir (1940), descreve e evidencia a base da construção de uma sociedade, na qual considera-se a mulher em segundo plano, como um “segundo sexo” perante a dominação masculina. Esse posicionamento, um reflexo da cultura e sociedade, gera reflexões acerca do papel e dos estereótipos construídos culturalmente, em relação às mulheres, quanto aos homens. Torna-se necessário a discussão e debates sobre gênero e a forma com que os moldes sociais, acerca da masculinidade e feminilidade, constituíram um determinismo, uma norma e um engessamento da identidade (Louro, 2009).

Tendo em base um sistema de oposições, uma polaridade e hierarquia que representa o homem como superioridade e a mulher como inferioridade, tanto nos âmbitos sociais, biológicos e culturais, Scott (1996) propõe o conceito de gênero como um elemento constitutivo de relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos. Além disso, afirma o gênero como uma primeira forma de significar as relações de poder. Logo, possui grandes influências culturais que constituem diferentes representações, enquadrando-as em conceitos normativos que acabam limitando a subjetividade e a pluralidade de sua significação (Scott, 1996).

Mistura (2013) compreende que a psicanálise associa o modelo hegemônico de masculinidade como uma tentativa de “imprimir na realidade” modos de ação, considerados mais convenientes, corretos e “apropriados” para serem exercidos pelos sujeitos que se identificam como homens; como um "modelo" a ser seguido. Esses modelos e normas são consideradas como um sistema de significados, partindo de uma ordem tanto quanto fantasiosa. Partem da fantasia, uma combinação inconsciente, que provém de coisas que foram ouvidas, mas que só depois foram compreendidas. Essa característica fantasiosa são, na verdade, estruturas protetoras que sublimam fatos, embelezam-os e, ao mesmo tempo, servem para o alívio pessoal, assim como, fonte para o

sofrimento psíquico, uma vez que não conseguem atender a tais moldes, normas e expectativas (Mistura, 2013).

Logo, compreende-se gênero como um conceito que se caracteriza como uma fantasia, fundada e transcrita na superfície de cada um dos corpos (Butler, 2003). Assim, o gênero proporciona identificar a construção social e cultural de sujeitos, uma forma de “desmontar” as naturalizações e estereótipos de papéis esperados em relação à natureza sexuada dos corpos. Assim, qualquer representação, como a masculinidade hegemônica que essencializa o caráter fantasioso do gênero, atribui ao mesmo papéis fixos e normativos para sujeitos que são complexos e singulares (Piscitelli, 2009).

Há diversos discursos rígidos e fixos atribuídos aos homens e mulheres em nossa sociedade, por mais que tais discursos garantam-lhes um sentido na realidade, em suas ações, eles não partem da ordem do real, esses papéis fixos são opressivos e proporcionam aos sujeitos sofrimento psíquico pela incapacidade de performá-los em sua integralidade, já que não condizem com sua singularidade.

Segundo Butler (2003), há dois conceitos, de suma importância, para adentrar nas discussões de gênero, são os de performatividade e as performances de gênero. O conceito de performatividade é compreendido como uma subjetividade corporificada, compreendendo que nosso corpo não é um destino fixo dado pelo sexo biológico. A performatividade possui forte impacto em estruturar a cultura, sendo identificadas nas relações e interações cotidianas através da língua, do tom de voz, como se fala, das roupas, gestos corporais, bem como nas mídias e instituições diversas das quais participamos. Isto identifica os discursos sociais sobre os diferentes papéis que se esperam de homens e mulheres, estruturando a performatividade de gênero (Butler, 2003).

Já as performances, por sua vez, são atos e ideias dos sujeitos que, através da repetição, constroem e fortalecem uma noção das identidades dos sujeitos. É como uma repetição, uma normatização, que obriga o nosso corpo a traduzir as normas sociais a partir das concepções

hegemônicas “esperadas” sobre o gênero em nossa cultura, em destaque ao gênero feminino e masculino (Butler, 2003).

Segundo Zanello (2018), há caminhos privilegiados de subjetivação no processo de tornar-se e compreender-se como homem e mulher, no contexto cultural brasileiro. Essa compreensão possui significações construídas, podendo ser observadas em nossa sociedade, a qual remete, historicamente, aos homens sentidos de atividade, sendo cada vez mais incentivados a assumirem uma posição dominante e ativos na esfera pública quanto na esfera privada, reforçando por meio de sua virilidade, competitividade, prontidão sexual, força e liderança. Já em relação às mulheres são associadas a um sentido privativo, do lar, sem atributos sociais, assim como passíveis ao domínio do patriarca.

Esses caminhos distintos entre homens e mulheres, perpassados em nossa sociedade, configuram o binarismo ainda presentes em nossa cultura. As diferenças dessas identidades de gênero são possíveis de serem observadas até mesmo no cotidiano, pelas diferentes brincadeiras e brinquedos associados a meninos e meninas. É possível atribuir para as meninas, desde a infância, um estímulo em relação à maternidade e ao cuidado e à esfera privativa da casa. Nota-se isto desde os brinquedos e bonecas, os quais sempre estimulam o ato de cuidar, e de dirigir um cuidado materno, com fogões e panelas, reforçando o estereótipo da mulher do lar. Os meninos já são incentivados a entrarem e atuarem na esfera pública por meio de brinquedos como carros, armas, bolas, jogos que demandam esforços mentais e corporais, estimulando a competição (Yoshioka, 2018).

Misse (2005) associa o conceito de atividade aos homens e a passividade às mulheres são também relacionadas e reafirmadas nas práticas sexuais. Ao analisar termos como “foder” e “comer”, ação que parte do homem, evidencia em si essa atividade atribuída aos homens. Já os termos “fodido” e “comido” remetem à passividade associadas às mulheres, assim como aos homens homossexuais. A sociedade tende a enaltecer e prestigiar a atividade, enaltecendo os "ativos" (homens), diminuindo e estigmatizando os "passivos" (mulheres e homens

homossexuais). Evidencia-se então, que as práticas sexuais e eróticas estão simbolicamente entrelaçadas com o sistema binário de gênero e suas hierarquias de poder (Parker, 1991).

Entende-se as masculinidades como um conceito singular e único, diante toda sua multiplicidade porém, por mais que existam diferentes vivências contrastantes a respeito da masculinidade, há algo que se repete. Há pontos em comum que se evidenciam nelas, em especial, um conjunto de privilégios, que dependendo de situações podem ser mais intensos, tanto a respeito de sexualidade, poderes sociais, entre outros. Para isso é de suma importância compreender a história da masculinidade, como esse conceito foi representado, como moldava e impactava a cultura e sociedade brasileira (Ambra, 2019).

## **1.2 Reflexões sobre masculinidade**

Diante das análises histórico-culturais do conceito de masculinidade e do corpo masculino, pode-se compreender que o mesmo vem se alterando com o passar dos anos. A contemporaneidade possui uma ampla pluralidade de masculinidades, o que reforça que o conceito de estética, estereótipos e expectativas sobre a masculinidade são mutáveis ao observar diversas variáveis, como por exemplo, as questões biológicas, culturais e sociais (Wolf, 1992).

Para melhor compreender o valor enraizado e os impactos associados à masculinidade precisa-se compreender que a cultura é caracterizada como um sistema complexo que passa por transformações e que traz consigo influências do passado. (Madureira, 2010). O Brasil é um país perpassado por uma cultura predominante patriarcal e sexista, com influências de estereótipos de gênero, e ainda que estes mudem durante os séculos, a sua base continua basicamente a mesma: a inferioridade feminina sendo considerada estrutural nas relações entre mulheres e homens (Parker, 1991).

É de extrema importância compreender que o conceito de masculinidade, diante de toda sua diversidade, possui ainda, em seu núcleo, um grande impacto na construção histórica do país. No contexto brasileiro, constituído pela influência da colonização, consolidou-se um modelo de masculinidade caracterizado pela hegemonia, contendo em sua base o poder, a supremacia e o

domínio em relação aos demais (Parker, 1991).

Construiu-se então essa visão ideal de homem, associado à força, virilidade e superioridade, podendo constituir o perfil e o caráter da masculinidade. Além disso, dentro do contexto colonial e patriarcal, até mesmo os meninos eram estimulados precocemente a terem variadas experiências sexuais com moças a fim de “provar sua masculinidade”, caso contrário, não teriam sua masculinidade reconhecida, evidenciando assim um caráter de normatividade (Bonfim & Vidal, 2009).

A situação mencionada anteriormente revela um outro aspecto relacionado à constituição da masculinidade: as questões de gênero e sexualidade caracterizadas por um contexto heteronormativo, pela dominação masculina, em que os papéis sociais e sexuais eram distintos e, de certa forma ainda são, entre os homens e as mulheres (Madureira, 2010). Esses atributos, entre outros, conceituaram a construção da masculinidade historicamente, proporcionando um modelo de masculinidade “único” e normativo para se identificar como homem, ou seja, tornou-se necessário obter determinadas características para se tornar homem (Takakura, 2016).

Estas podem ser caracterizadas como: estabilidade emocional, atividade, competitividade, liderança, dominância, força física, virilidade, heterossexualidade, status social, capacidade produtiva e prontidão sexual. O homem então, ao adotar esses padrões e estereótipos, se delimitam então na caixa da masculinidade hegemônica (Holanda, 2020). Esse conceito foi originado na década de 1980 fortificando a noção de que só existe um tipo de masculinidade, ignorando toda sua pluralidade. Caracteriza-se por ser um modelo que impõe modos de ser e agir, uma norma, um padrão de práticas (para além das expectativas de papéis, identidade, mas sim ações) que possibilitam e evidenciam a dominação dos homens, a misoginia e o sexismo (Connell, Messerschmidt & Fernandes, 2013).

Esse padrão de masculinidade associa-se a sentidos de totalidade e hierarquia, cobrando aos homens que se mantenham nesta posição. Logo, devem permanecer em constante vigilância e controle de suas emoções, de seus corpos e que seus atos não saiam do que se espera socialmente

a esse tipo de masculinidade. Pois, controlando e vigiando proporcionam uma “não abertura” a questionarem sua masculinidade, evidenciando sua superioridade em relação aos outros.

Desenvolvendo assim, a formação de uma máscara firme e rígida a qual contém muitas de suas emoções e o choro, parece inaceitável (Yoshioka, 2018).

Quando a masculinidade é questionada, por expressar comportamentos e ações que se desassociam dos padrões impostos, o homem é colocado em uma posição de inferioridade. Passa-se, muitas vezes, a ser considerado um homem afeminado, de uma forma pejorativa, considerado uma "mulherzinha", um "veado". Compreende-se então que a masculinidade é de fato questionada, tirando os atributos associados a mesma, evidenciando que a masculinidade hegemônica se baseia no sexismo, na misoginia e na homofobia (Yoshioka, 2018).

Evidencia-se que é importante ter essa noção dos moldes patriarcais da masculinidade hegemônica e da feminilidade, porém, partindo dos pressupostos de Butler (2003), quanto mais imersos e concentrados são os estudos nas questões patriarcais, mais acabam centralizando ao binarismo, quanto mais fixado estão os estudos em discutir o patriarcado acabam mais reforçando esses valores.

Parte-se da genealogia de sexo, gênero e desejo, de Butler (2003), para compreender essa estrutura binária centralizada pelo patriarcado. Essa genealogia a qual costuma afirmar que determinado sexo (evidenciado pelas características biológicas) indica um determinado gênero (masculino e feminino), o qual induz ao desejo, reforçando uma concepção de coerência e continuidade nessa tríade.

Butler (2003) critica essa norma, reafirmando que esta segue uma lógica binária, na qual um corpo, identificado como macho ou fêmea, determina um gênero específico, ou masculino ou feminino, induzindo-os a uma forma de desejo, especificamente o desejo dirigido ao sexo/gênero oposto e, assim, se espera seguir essas normas em uma direção única. Porém não há garantias de que essa sequência de fato ocorra. E, neste sentido, Butler (2003) afirma que essa concepção não é natural e nem segura, essa ordem pode ser negada e desviada.

Freud (1905) reforça a crítica sobre essa concepção em sua obra “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, em que considera que, para a psicanálise, a escolha objetal independe do sexo do objeto, havendo a possibilidade de dispor livremente de objetos masculinos e femininos (Freud, 1905). Na concepção da psicanálise, o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher, ou da mulher pelo homem, requer maiores explicações, esse interesse vai muito além de questões baseadas em uma atração que segue princípios químicos, biologicamente deterministas (Freud, 1905).

A decisão sobre o comportamento e objeto sexual do sujeito ocorre após a puberdade, diante de resultados de uma série de fatores que ainda não vivenciados mas que se instalam no inconsciente do indivíduo (Freud, 1905). O conceito de bissexualidade constitutiva é abordado por Freud (1905), caracterizado pela disposição psíquica inconsciente que marca a subjetividade humana, onde possibilita ao sujeito fazer suas escolhas sexuais.

Nosso corpo é um processo, o modo que vivenciamos nosso corpo subjetivamente é sempre uma situação, um contexto, por um lado social, por outro subjetivo/singular. Não há nada que garanta que o ser que se torna mulher adote em si a feminilidade assim como os homens podem ou não adotar a masculinidade. O sexo não deveria categorizar como um fato pré-discursivo, o corpo está em um contexto discursivo pela cultura, sem dúvida o corpo foi gênero desde o começo (Butler, 2003).

Essa lógica de regra e normatividade associadas à masculinidade hegemônica traz consigo uma imposição de que é preciso ter alguma coisa unitária, fechada e idêntica, formando assim um ser unitário. Essa figura da masculinidade, esse mito que se torna uma fala natural, se vincula a uma identidade plenamente realizada, algo sem fissuras, sem unidades. E o que consegue dividir e romper com a unidade dessa identidade? (Ambra, 2019).

É imprescindível mencionar que os estudos e contribuições feministas acerca da mudança de concepção do lugar e do papel das mulheres possui um grande impacto para a fissura dessa integridade anteriormente mencionada. Porém evidencia-se outro aspecto, uma outra figura que

ajuda a romper com essa imagem ilusória do que é ser um homem: a figura do homem homossexual, uma espécie de negativo, até mesmo ameaçador dessa masculinidade, assim como exemplifica uma unidade “contaminada” pela influência do feminino. Logo, a identidade unitária e exemplar da masculinidade começa a se romper, e a se fissurar, fragilizando-se (Ambra, 2019).

Diante desse totalitarismo e hierarquização de uma “verdadeira masculinidade” e seus impactos em outros modelos de constituição da masculinidade, questiona-se como é a identificação e constituição do homem gay diante todo esse contexto e quais são os impactos que essa hegemonia possui.

### **1.3 A Homossexualidade, rompimento de norma e afeminofobia:**

Retomando a noção da masculinidade hegemônica, a qual configura a sexualidade masculina por conceitos associados à heteronormatividade e à homofobia, caracteriza-se a heteronormatividade como um elemento central. Ser um homem declaradamente gay e afeminado acaba, conseqüentemente, simbolizando um status social inferior (Reis, Ferro & Rodrigues, 2022). Há uma estreita linha entre masculinidade hegemônica e homofobia: os homens, para provarem sua masculinidade, devem rejeitar quaisquer traços socialmente considerados femininos, assim como rejeitar a homossexualidade, exaltando assim a heterossexualidade (Borrillo, 2009).

Parte-se da ideia de que a homofobia permite evidenciar os desvios de comportamentos e padrões que “deslizam” da masculinidade hegemônica, além disso opera uma espécie de atualização constante, lembrando aos homens de seu “gênero certo”, uma vigilância do padrão de identidade que os homens devem seguir. Assim, toda suspeição de aspectos considerados femininos é uma suspeita da homossexualidade, que parece soar como uma traição capaz de questionar a identidade mais profunda do homem (Borrillo, 2009).

A masculinidade hegemônica é compreendida como uma modalidade cultural, reforçada continuamente, a qual acarreta, por consequência, um conjunto de privilégios associados aos indivíduos considerados másculos (Andreoli, 2011). É possível identificar reflexos da mesma

dentro da comunidade gay, há embates específicos como a normalização ligada a sentidos de masculinidade e feminilidade. Os sentidos e símbolos relacionados à masculinidade são altamente valorizados, já os que são socialmente associados à feminilidade e, portanto, não são desejáveis. Além disso, outros aspectos como questões raciais e classes sociais são de extrema importância e influenciam a prática dessas violências (Antunes, 2016).

O homem homossexual, quando opta por internalizar e adotar os estereótipos e padrões da masculinidade hegemônica se depara em uma contradição: a heterossexualidade. A sociedade, por influências de seu processo histórico e cultural, atribui à sexualidade um caráter heteronormativo, que silencia e invisibiliza quaisquer outras formas de expressão das sexualidades. Isso faz com que o homem homossexual passe a acreditar que ele é repulsivo, faz com que volte a sua agressividade, tristeza e dor contra si mesmo e passe a acreditar que grande parte de seus problemas pessoais decorrem da sua orientação sexual. Diante disso, possibilita questionamentos aos homens homossexuais sobre seus próprios valores pessoais, ódio por si mesmos e, em casos extremos, até mesmo a autodestruição (Junqueira, 2009).

Alguns homens homossexuais buscam por uma representação, tanto relacionada à aparência corporal, comportamentos, relacionamentos, entre outras esferas, que dizem muito sobre a masculinidade hegemônica. Acabam então por buscar estar de acordo com os estereótipos e comportamentos associados a tal masculinidade “no que se espera minimamente dos homens”. Estando de acordo com esses padrões e estereótipos há privilégios interligados como a aceitação, desejo, oportunidades e a menor chance de serem expostos a violência/homofobia. Diante disso, se dispõem de diversos ajustamentos, tanto físicos quanto psicológicos e emocionais que buscam ou não, o pertencimento ao grupo associado a hegemonia masculina.

Bento (2017) afirma que, em muitos casos, na busca de se ajustarem a esses padrões hegemônicos de masculinidade, os homens homossexuais acabam se sufocando, simbolicamente, sacrificando as suas características únicas e as suas singularidades. Portanto, “o estabelecimento de um determinado modo de ser no mundo, forjando-se a partir da negação de outros modos de

ser, não pode se dar, senão, por um processo de violência” (Veiga, 2018, p.77).

Os homens passam a projetar padrões e comportamentos sociais, cuja masculinidade hegemônica considera minimamente aceitáveis, para si próprios e para os outros. Logo, não é incomum que homossexuais discriminem outros homossexuais que apresentem masculinidades “desviantes”, principalmente aqueles socialmente considerados afeminados (Reis, Ferro & Rodrigues, 2022).

A reflexão acima destaca os impactos do sexismo, misoginia e homofobia na comunidade gay, refletindo-os na concepção internalizada de homens homossexuais. Cunha & Mattos (2022) evidenciam que os homens homossexuais afeminados são discriminados não somente por não corresponderem ao ideal masculino, mas por serem considerados inferiores, como as mulheres. Essa ideia da masculinidade como superioridade, que sofre influências do patriarcado, origina o conceito de afeminofobia. Esse conceito é caracterizado pelo desprezo, até mesmo aversão dos indivíduos que não performam ou “cumprem” o seu papel social de gênero, evidenciando aos homens homossexuais que se consideram, se apresentam e são vistos socialmente como afeminados (Cunha & Mattos, 2022).

Na concepção colonial-patriarcal, relacionado também aos conceitos da masculinidade hegemônica, tudo o que foge à dita normalidade, no âmbito da sexualidade, é considerado uma maneira negativa, é excluído e julgado até mesmo como uma doença. Conclui-se então uma concepção de que quando um indivíduo não se enquadra dentro das normas e do que se é esperado culturalmente e socialmente, acaba sendo excluído e tratado como inferior, uma rejeição que proporciona um certo abandono da integridade desse indivíduo (Veiga, 2018).

A homossexualidade era compreendida por Westphal, autor do primeiro estudo médico sistematizado sobre a homossexualidade, como um sentimento congênito, um não costume contra a natureza. Afirmava, em seus estudos, que as pessoas que possuem esse sentimento sexual apresentavam, quase sempre, associações de outras doenças mentais, proporcionando assim a origem desse pensamento patologizante a respeito das homossexualidades, estendendo essa

concepção até o início do século XX (Quinet, 2009).

Segundo Quinet (2009), Freud ao investigar a sexualidade em 1905, sua obra “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, esclarece que não há uma sexualidade humana determinada. A sexualidade possui muitos destinos, aspectos e formas diferentes, sendo a homossexualidade uma de suas variáveis. Essa concepção foi estruturada quando Freud (1905) parte do complexo de Édipo, primeiro momento conflituoso vivido durante o período da primeira infância, até então a criança é sustentada por uma “bissexualidade original”, ou seja há uma predisposição na criança do desejo de ambos os sexos (objeto) porém, ao vivenciar o Édipo a escolha desse objeto ocorrerá, direcionando o desejo a um desses objetos (Quinet, 2009).

Quinet (2009) analisou que Freud utilizava em suas obras o termo “homossexuais” distanciando as noções de Westphal que considerava o termo como congênito, desviante, como uma inversão. Além disso, compreende que todos os seres humanos são capazes de fazer uma escolha do objeto homossexual, todos possuem essa predisposição já em seu inconsciente. As ligações libidinais com pessoas do mesmo sexo atuam como fatores na vida psíquica normal, podem causar doenças quanto as ligações direcionadas ao sexo oposto “A homossexualidade não é certamente nenhuma vantagem, mas não é nada que seja motivo de vergonha, não é um vício, nenhuma degradação, não pode ser classificada como doença; nós a consideramos como uma variação da função sexual” (Quinet, 2009, P.77).

Visto as contribuições da psicanálise a respeito dessa visão despatologizante da homossexualidade, a afeminofobia é uma grande questão que evidencia que a feminilidade e parece tanto um problema quanto uma aversão, principalmente quando associadas a homens, um elemento polar e incompatível com a masculinidade (Demes, Chaterlard & Celes, 2011).

Sartori & Ceccarelli (2021) abordam que Freud, em sua conferência sobre "A feminilidade" (1933) argumenta-se que a psicologia teria critérios e parâmetros conclusivos sobre o que é específico do masculino e do feminino. Afirma-se que os dados biológicos são insuficientes para definir o que é o masculino e o feminino, de forma que é de extrema importância analisar fatores

atribuídos na cultura que estabelecem funções inerentes ao homem e à mulher. Logo, conceitos como atividade relacionados ao "masculino" e passividade, ao "feminino", podem ser influenciados pelo social (pode-se observar que socialmente e culturalmente as associações às mulheres pelas funções de mãe, esposa, prostituta, feiticeira, mística “ora à maternidade, ora à morte”). Várias outras imagens derivam desses signos básicos, sempre regidos por um dualismo existencial: ora boa, ora má; ora santa, ora demoníaca, ora erotizada; ora remetida ao primitivo, ora ao civilizado, mas todas (Demes, Chaterlard & Celes, 2011, p.653).

Parte-se, então, que as expectativas culturais dos padrões sobre os gêneros masculinos e femininos, identificam a presença do falocentrismo, onde a genitália masculina é central. O penetrar define o poder, criando uma expectativa de que o homem penetre tanto no ato sexual quanto no mundo em esferas sociais. Faz-se então uma oposição ao que é penetrado, ao passivo criticando então a feminilidade e a homossexualidade, reforçando a concepção do conceito de afemiofobia.

Segundo Serra (2019), para a psicanálise, o outro se faz presente como uma alteridade. Na teoria freudiana, a partir da noção de estranheza, de indeterminação, e logo, no ponto de vista da masculinidade, a feminilidade ocupa o lugar dessa alteridade, causando uma estranheza, um horror e até mesmo um fascínio. Esse horror é angustiante e essa angústia, provocada pela diferença, é tanto maior quanto os discursos que orientam a uniformidade. Além disso, para a teoria Freudiana o feminino é visto como um “ser faltante” são estruturadas no vazio, na falta do atributo fálico, e toda conquista como as sociais por exemplo, como um cargo em níveis altos, bom reconhecimento social, atributos tidos como masculinos é entendida como uma apropriação de algo que lhe foi retirado. Já nos homens, toda feminilidade pode ser interpretada como perda, como ameaça; nesse sentido, interessam-se em colocar certa distância à mulher, garantindo então a unidade de sua masculinidade (Serra, 2019)

#### **1.4 Sofrimento psíquico na subjetividade de homens gays:**

O sujeito está em constantes processos e mudanças, se construindo pelos atos, ações e

discursos que performatizam. Butler (2011) conceitua a noção de identidade performática, que produz nos corpos uma típica “norma”, através de identidades, que se enquadram e seguem com os princípios e estereótipos da normatividade do ciclo social cujo sujeito está inserido. Há pessoas que são mais resistentes e que não optam por seguir tais padrões, por não se sentirem confortáveis ou representadas indo contra a eles. Logo, toda construção identitária envolve certos níveis de normas e padrões, que podem fazer com que sujeitos se sintam acolhidos e representados, podendo gerar simultaneamente a produção de elementos excludentes os quais marginalizam e patologizam os que não se enquadram. (Butler, 2011).

Os sujeitos excluídos e marginalizados evidenciam uma “constante possibilidade do retorno do estranho” ou seja, evidenciam suas diferenças por não se enquadrarem em uma determinada norma social. Esses indivíduos são categorizados, nesse ponto de vista, por Butler (2011) como abjetos, em que a sua existência e integridade são socialmente ameaçados constantemente. Suas vidas parecem frágeis, são consideradas aberrações, de modo a retirar toda a sua humanidade aniquilando a subjetividade do eu do sujeito, uma vez que, é tratado como inferior, justamente pelo seu modo de ser (Butler, 2011).

Logo, diante de um contexto binário, ao fugir dessa regra, do que é considerado normalidade, são considerados desviantes, pois não atendem os costumes e expectativas da heterossexualidade, assim como da masculinidade normativa. A sociedade ainda carrega uma visão machista e preconceituosa, quando, por exemplo, ao tentar inferiorizar um homem associam-se a aspectos e elementos femininos. Essa prática é muito comum, principalmente por parte de indivíduos héteros, masculinos, objetivando tratar pejorativamente o gay afeminado, a partir do entendimento de que o feminino implicaria na desvalorização da identidade masculina (Connell, Messerschmidt & Fernandes, 2013).

Todas essas correlações e consequências associadas tanto à homofobia, quanto à afeminofobia, proporcionam uma grande dificuldade na constituição da subjetividade do homem homossexual, marcada por normas e imposições heteronormativas. O não cumprimento dessas

normas pode levar a muitos homens homossexuais, por consequência, a experienciar sem suas vidas a exclusão social, isolamento afetivo e sentimentos de desmerecimento. A tentativa de suicídio em adolescentes e jovens homossexuais é extremamente alta, jovens gays e lésbicas estão três vezes mais propensos a tentar o suicídio que os jovens heterossexuais, e até 30% de todos os suicídios que ocorrem na adolescência podem estar relacionados com questões de identidade sexual (Toledo & Pinafi, 2012).

A ansiedade, os sentimentos de culpa, o medo da rejeição e conseqüentemente o isolamento são sentimentos presentes nos indivíduos da comunidade LGBTQIAP+. O reconhecimento e a identificação de sexualidades que diferem do padrão heterossexual ainda é marcado pela discriminação e estigmatização, constituindo como fatores de risco para o surgimento de doença física e mental (Francisco, Barros, Pacheco, Nardi, & Alves, 2020).

Todos os seres humanos são únicos, singulares e diferentes e, em algum momento da vida, suas diferenças podem ter ocasionado algum tipo de sofrimento. Em uma sociedade heterossexista as pessoas LGBTs deparam-se com dificuldades e com sofrimentos, sendo grande parte oriundas da sua sexualidade. Logo, os profissionais da saúde mental devem atribuir um significado positivo a essa diferença e integrá-la como uma parte fundamental de si próprio (Barbosa, 2017).

Diante de um contexto histórico, com uma perspectiva patologizante sobre a homossexualidade, várias formas clínicas foram atribuídas em busca de promoverem tratamentos. Era comum, na prática clínica, intervenções, até mesmo corporais, visando a resignização do indivíduo homossexual, assim como no reajuste de sua sexualidade centrando-a nos padrões e nas expectativas heterossexuais.

O despreparo da sociedade para lidar com as pessoas LGBTs ainda gera situações coercitivas à clínica psicológica, e alguns profissionais, ainda consideram a homossexualidade como distúrbio mental, uma neurose ou uma perversão, desaprovando e estigmatizando moralmente a Homossexualidade. Logo, a psicologia, assim como a clínica psicanalítica, devem

atuar sob o véu da neutralidade e de um saber supostamente especializado, compreendendo que indivíduos estão inseridos em um contexto social homofóbico e que consequências conflituosas podem ocorrer, não devido à homossexualidade, mas à homofobia (Moleiro & Pinto, 2009).

Para isso, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) adotou a resolução nº 01/99 aprovada em 1999, a qual parte do princípio que a homossexualidade não constitui como patologia, distúrbio ou perversão. Logo, psicólogos possuem como dever de não proporcionarem ações que favoreçam ou reforcem a noção de patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, assim como, adotarem uma posição de tentar orientar homossexuais para tratamentos não solicitados, como se a homossexualidade pudesse ser “curada” (Pereira, 2014).

Julgamentos de cunho moral e religioso, além de serem contraproducentes no trabalho clínico, especialmente com a população LGBTGIAPN+, articulam com a noção do poder de incitar a estigmatização e discriminação, constituindo como mais uma forma de preconceito, velados por trás de uma pseudo “posicionamento científico”. Logo, a clínica não deve enrijecer seu paciente numa uma identidade rígida, seja ela homossexual ou heterossexual, mas deve produzir liberdade de fluxo plena de responsabilidades, permitindo possibilidades e outras configurações do sujeito (Pereira, 2014).

Evidencia-se então alguns cuidados e precauções que analistas e terapeutas devem possuir com o público da comunidade LGBTQIAPN+. Os profissionais da área clínica devem seguir o princípio de ajudar e proporcionar aos indivíduos reflexões positivas acerca de suas vivências, experiências e relacionamentos. Devem também apoiá-los para ressignificarem todas as atribuições negativas acerca de suas sexualidades e identidades de gênero, para reelaborando-as com positividade. A clínica então deve proporcioná-los um convite para se entrelaçam a sentimentos positivos de sustentação à vida, para ajudá-los a desenvolverem uma nova visão de si mesmos. Trazer que grande parte de seus sofrimentos partem dos ideais da discriminação, homofobia e desigualdades de gênero, convidando-os a externalizarem seus sentimentos e pensamentos homofóbicos, que são muitas vezes internalizados (Moleiro & Pinto, 2009).

É então, de extrema importância que o analista ou terapeuta use de uma linguagem não heteronormatizada, que estes estejam conscientes de sua própria homofobia, e de suas suposições e preconceitos sexistas, atentos às manifestações destes. Devem, quando necessário, ajudá-los a sair do armário, com muita cautela e delicadeza, assegurando-os dos riscos e das adversidades. Não devem tratá-los e considerá-los apesar de suas sexualidades, como se a homossexualidade fosse presente em suas vidas apenas em suas relação sexuais. O objetivo da clínica, voltada ao público LGBT, não é fazer o homossexual viver feliz apesar de sua homossexualidade, mas, de fato, graças à homossexualidade, que assumam e apreciem suas diferenças (Toledo & Pinafi, 2012).

## Capítulo 2: Método

A pesquisa foi realizada baseada na metodologia de investigação qualitativa, visto que a proposta epistemológica qualitativa compreende a realidade em toda a sua complexidade, e não como algo que é descrito por leis universais. Essa metodologia se pressupõe de níveis tanto subjetivos, quanto relacionais, de uma realidade social tratada e influenciada por meio da história, dos significados, motivos, crenças, valores e atitudes sociais. É uma forma de investigação compreendida como um processo cíclico e dinâmico que engloba as experiências intuitivas, concepções de mundo, o fenômeno, método, indicadores empíricos e teorias proporcionando um melhor entendimento dos processos sociais referentes às pessoas e a certos grupos (Minayo, 2016).

O presente trabalho parte dos princípios da Análise do Discurso como estratégia metodológica articulados às contribuições teórico-metodológicas da psicanálise. A análise do discurso se iniciou nos anos 60 do século XX, partindo do estudo do discurso observado pela fala do sujeito, compreendendo o sentido dos textos, unidade fundamental para a análise da linguagem, proporcionados pela fala e pela linguagem do indivíduo. Se diferencia da análise do conteúdo, pois além de extrair sentido dos textos estudados, a análise do discurso compreende no que eles significam, como uma materialidade simbólica própria e significativa do sujeito (Orlandi, 2005).

Orlandi (2005) e Pêcheux (2005) evidenciam que a linguagem é materializada, pautada em ideologias, sendo que tais são possíveis de serem manifestadas através da linguagem. A análise do discurso compreende mecanismos da determinação histórica dos processos de significação dos indivíduos, assim como do coletivo. Estabelece-se então uma relação central com o simbólico e o político, contextualizando o mesmo. Com a Análise de Discurso é possível compreender por exemplo como as relações de poder podem ser significadas e simbolizadas.

Diante seu contexto histórico, a análise do discurso estava constituída em um espaço influenciado por três domínios disciplinares: a linguística, o marxismo e a psicanálise. Esses três domínios disciplinares evidenciaram que o discurso que vai além dos princípios da linguística, mas interroga-a; não está limitado à teoria marxista, questionando o materialismo

simbólico; assim como não se restringe às limitações dos princípios teorizados pela psicanálise mas trabalha com as relações com o inconsciente de cada indivíduo. Parte-se então de que há um real da história, ou seja, a análise do discurso trabalha com as relações e influências desses campos, quebrando com suas fronteiras e limitações, evidenciando e aprofundando nos conceitos de discurso, linguagem, ideologia, sujeito e história (Orlandi, 2005).

O discurso é fundamental para esse método nos proporcionando uma noção além da fala. Por conseguinte, entende-se que é possível observar no discurso a palavra, a linguagem em movimento, o seu percurso, assim como suas diversas formas de significação. Compreende-se, então, que em sua constituição há influências da história e da sociedade, nas quais o sujeito está inserido, sendo impossível dissociá-las. Assim, o estudo do mesmo implica um aprofundamento com as diversas formas que o indivíduo significa aquilo que lhe rodeia, pois é a partir da linguagem que se estabelece uma ponte entre a sua vida, a sua realidade percebida e suas significações e é pelo discurso que conseguimos obter o acesso às significações do sujeito (Orlandi, 2012).

Para compreender o sujeito é necessário compreender a sua linguagem e a ideologia que se encontram entrelaçadas. Esse laço, ponto em comum, sustenta e marca o terreno próprio da Análise de Discurso, na qual a análise do sujeito é a partir da avaliação da sua linguagem, do seu léxico e do seu discurso. Através da linguagem consegue-se compreender as significações, percepções do próprio sujeito que é central nos domínios da Psicanálise, desfrutando também de um lugar nobre no território do discurso.

O outro componente entrelaçado à linguagem é a ideologia e, segundo Gregolin (1995, p.17), é caracterizada por “um conjunto de representações que são consideradas dominantes, uma visão de mundo de determinada classe e a maneira como ela representa a ordem social”. Logo, a representação dessa visão dominante constitui-se em formas de linguagem, de construções discursivas, nas quais o discurso acaba sendo materializado pela linguagem. (Orlandi, 2005).

Neste sentido, é de suma importância evidenciar que a ideologia constitui-se em forma de linguagem, expondo uma visão de mundo a partir da experiência do sujeito. Cada vivência, e cada

história impacta na construção de sua subjetividade. Cada história não deve ser entendida como apenas um percurso vivencial, mas também a partir da contribuição sócio-histórica do contexto em que o sujeito está inserido. Isto é, há necessidade de compreender aquele sujeito através da sua historicidade, e entender o que determina o dizer e o que é censurado/determinado pela estrutura opressora-social (Orlandi, 2005).

Evidenciando o sujeito, o seu eu, e a sua subjetividade, “a psicanálise faz uso recorrente da análise de fenômenos coletivos para compreender os processos individuais, além de afirmar textualmente que a psicologia individual é, ao mesmo tempo, social” (Rosa, 2004, p. 333). Rosa (2004) afirma que Freud recusa esta divisão que delimita o indivíduo e a sociedade, pois considera que a entrada na vida social impõe modificações ao sujeito. Logo, a psicanálise se caracteriza por ser uma abordagem com pressupostos éticos e concepções que se adentram nas problemáticas enredadas nos fenômenos sociais e políticos, não necessariamente vinculados apenas às situações dos tratamentos psicanalíticos.

Evidencia-se que a pesquisa psicanalítica abre um espaço que considera o locus simbólico que possibilita o sujeito tomá-lo como palco de várias discussões e impasses. Assim como pontua Rosa (2004, p.337). “A característica fundamental da pesquisa psicanalítica remete para além do tema, ao modo de formular as questões mais aprofundadas”. A psicanálise parte em elucidar alguns problemas na articulação sujeito e sociedade, questiona sobre a variação histórica de estruturas socialmente e culturalmente reforçadas e como podem afetar a subjetividade podendo ser analisadas nos discursos dos sujeitos (Rosa, 2004).

Para Rosa e Domingues (2010), toda pesquisa em psicanálise é uma pesquisa clínica, visto a clínica ser uma forma de acesso ao sujeito do inconsciente, pois, radical e estruturalmente, implica que o pesquisador-analista empreenda sua pesquisa a partir do lugar definido no dispositivo analítico enquanto o lugar do analista, lugar de escuta e sobretudo de causa para o sujeito. Logo, para Rosa e Domingues (2010, p. 182) “diante dos princípios norteadores da pesquisa psicanalítica, dos fenômenos sociais e políticos, evidenciam uma constituição de um campo de experiência no

qual os fundamentos epistêmicos e, por derivação, metodológicos são os mesmos que sustentam a prática de uma ética, a ética da psicanálise”.

### **Procedimentos de Coleta do Material**

Para a realização de uma pesquisa envolvendo a participação de seres humanos, o primeiro passo necessário foi a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Ceub. O projeto então passou pela submissão ao Comitê de ética e, ao ser aprovado, iniciou a busca pelos participantes. A seleção dos participantes foi idealizada por meio de 3 a 5 sujeitos, do sexo masculino, que se identificam como homens homossexuais, de diferentes idades e etnias, que performam ou não os estereótipos da masculinidade. A busca foi realizada em faculdades do Distrito Federal, mídias e redes sociais, assim como um grupo de homens do DF que debate sobre assuntos de masculinidades e vivências homossexuais, articulados na vida dos integrantes.

Os participantes foram então convidados a participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, TCLE (apresentado no Anexo A) e com o consentimento dos participantes foi feita a gravação e transcrição integral dos discursos ali expostos. A entrevista foi realizada por meio de um encontro virtual realizado pela plataforma Google Meet com entrevistas semi-estruturadas (presente no Apêndice A).

Foi utilizada, por sua vez, a entrevista semi-estruturada composta por 10 questões, um instrumento metodológico conceituado por Minayo (2016) que permite ao informante abordar livremente sobre o tema proposto enquanto trabalha também com perguntas previamente formuladas. É através dela que consegue-se buscar informações contidas nas falas dos atores sociais, sendo possível obter dados objetivos e subjetivos a respeito do tema analisado.

### **Procedimentos de Análise do Material**

O material obtido nas entrevistas foi analisado a partir dos seguintes procedimentos:

(i) identificar as posições subjetivas das participantes no discurso, de forma a apreender aquilo que é trazido pelas mesmas em suas falas e posicionamentos, considerando, também, o que

elas entendem por sofrimento psíquico e como interpretam o fenômeno em suas respectivas realidades;

(ii) localizar as repetições temáticas, a fim de verificar o que é dado com mais intensidade e frequência, as paráfrases, metáforas e metonímias, nos atentando para o que é apresentado não apenas de forma direta, mas, sobretudo, por meio de figurações na qual os temas são concretizados em figuras que lhes atribuem revestimento sensorial;

(iii) evidenciar os mecanismos ideológicos e culturais presentes nos discursos, partindo do entendimento que estes valores ideológicos são permeados pela percepção do lugar social que, tanto a entrevistadora como a entrevistada se atribuem mutuamente;

(iv) levantar hipóteses sobre os não-ditos presentes nas falas das entrevistadas, uma vez que para entender esses sentidos subentendidos é necessário que as entrevistadas e a entrevistadora partilhem de um conhecimento básico e prévio o tema em questão, para que seja permitido inferir significados coerentes;

(v) analisar as cadeias associativas em torno das quais se estruturam as falas dos participantes, aferindo as conexões feitas pelas mesmas, bem como àquelas que poderão ser percebidas pela entrevistadora.

### Capítulo 3: Resultados e Discussão

O presente capítulo é dividido em quatro eixos temáticos: A falta da identificação e representatividade no processo de reconhecimento da sexualidade de homens gays: "Estava cansado de olhar por todo lado e não conseguir me identificar"; As influências da masculinidade hegemônica na subjetivação de homens gays: **“Quanto mais macho, mais padraozão, maior o nível de aceitação e com isso você se sente melhor”**; A construção do desejo voltada para masculinidade: "É como se numa balança, o homem mais masculino pesa mais do que o afeminado"; Afeminofobia sobre a ótica psicanalítica: "A gente vai sendo educado para não ser feminino e ter uma certa aversão ao feminino" e Afeminofobia e homofobia internalizada na comunidade gay: "Comunidade não acho que é a palavra certa para definir pois ainda não age como uma".

Cada uma dessas seções representa, respectivamente, os objetivos específicos da pesquisa. Assim, primeiro se pensa em como a falta de identificação e representatividade proporcionou a uma repreensão da sexualidade; em seguida considera-se os impactos da cultura heteronormativa, binária e hegemônica sobre a aversão da feminilidade dos homens; Depois apresenta-se as considerações psicanalíticas a respeito da afeminofobia; e, por fim, os impactos gerados na comunidade gay, focalizando na homofobia internalizada e afeminofobia.

A seguir, a tabela 1 apresenta a caracterização dos participantes das entrevistas semiestruturadas. Tal descrição foi colocada neste capítulo e não no método, pois se trata de elementos para além de identificações sociodemográficas e pode ser utilizada como contextualização quando cada participante é citado. Os nomes estão na ordem em que as entrevistas foram realizadas.

#### **Tabela 1**

##### *Caracterização dos participantes*

---

Nome	Descrição
------	-----------

---

- Bini<sup>6</sup> Homem pardo, Brasileiro natural de Maranhão - MA, atualmente reside em Águas Claras, Brasília - DF; possui 25 anos, é estudante de psicologia e se considera um homem gay afeminado.
- Paulo Homem pardo, Brasileiro natural de Valparaíso de Goiás - GO, atualmente reside em Gama, Brasília - DF; possui 26 anos, é arquiteto e se considera um homem gay afeminado.
- Rogério Homem branco, Brasileiro natural de Luziânia - GO, atualmente reside em Asa Norte, Brasília - DF; possui 28 anos, é publicitário e não se considera um homem gay afeminado.
- Yago Homem Branco, Brasileiro natural de Brasília - DF, atualmente reside em Águas Claras, Brasília - DF; possui 32 anos, é psicólogo e não se considera um homem gay afeminado.

**A falta da identificação e representatividade no processo de reconhecimento da sexualidade de homens gays: "Estava cansado de olhar por todo lado e não conseguir me identificar"**

Os dados da pesquisa evidenciaram que o período da vida em que os participantes começaram a ter o indício de suas orientações sexuais e de suas sexualidades, a tomar consciência de que não correspondiam com os padrões hegemônicos e binários da cultura e sociedade brasileira; que suas vivências eram diferentes das esperadas; começaram a aparecer na infância, se intensificaram-se na adolescência e tornaram-se certeza quando chegaram à idade adulta.

Paulo caracteriza isso em sua fala:

*“Minha mãe fala que quando eu era criança sempre já dava indícios da minha sexualidade e de ser um menino afeminado, mas eu nem sabia que existia uma coisa assim... de sexualidade, não tinha conhecimento, era*

<sup>6</sup> Ao final das entrevistas, foi dada a possibilidade para que cada participante escolhesse o nome fictício utilizado para nomeá-los na pesquisa. Estes, evidenciados acima na tabela, foram os nomes escolhidos por cada participante de forma aleatória.

*muito novo. Foi já no ensino médio que comecei a perceber a questão da atração. Nos meus quatorze/quinze anos comecei a ter noção da minha atração sexual, que era voltada para alguns meninos da minha sala”. [...] “Mas eu me vi mesmo, assim como um homem gay, quando estava na faculdade, nos meus 18 anos, quando beijei o primeiro garoto, mas mesmo assim tinha muita resistência, relutei muito contra minha sexualidade até os 18”.*

Após a infância, a fase da adolescência chega sendo caracterizada por um período turbulento, marcado por uma grande explosão hormonal, que aumenta o nível de estresse nos adolescentes. Nas vivências de um indivíduo gay, esse nível é potencializado por incertezas na sua construção identitária, pela descoberta e reconhecimento de sua orientação sexual e da direção de seus afetos, que podem ser diferentes daqueles que estão ao seu redor. Acarreta ao indivíduo angústias, dúvidas se o que estão vivenciando é correto, se é um pecado, além de atribuir uma grande significância sobre a opinião e julgamento dos outros, a respeito de suas vivências (Marciano, 2021).

Além disso, o reconhecimento da orientação sexual homossexual está vinculado, muitas vezes, com consequências não positivas, mas violentas. A homofobia, a afeminofobia, os preconceitos e as discriminações, articulam a sexualidade homossexual à noções de desrespeito, que ferem a dignidade do sujeito que acaba se tornando o objeto de grandes sofrimentos e revoltas, que são muitas vezes naturalizadas, até prestigiadas, na cultura e sociedade brasileira. Diante disso, acaba que a vivência homossexual se torna uma marca articulada ao preconceito, à discriminação e à violência, acarretando a uma grande dificuldade na construção de uma imagem positiva nos sujeitos acerca de si mesmos (Abramovay, Castro & Silva, 2004).

O que foi mencionado no parágrafo anterior é um dos grandes fatores que fazem os indivíduos ficarem por muito tempo “presos nos seus armários”. Estar no armário é um termo muito comum utilizado para se referir aos sujeitos homossexuais que “não se assumiram” e que não expõem de forma pública, a sua sexualidade. É um sinônimo de um momento da vida em que o sujeito busca

a sua autopreservação, e acaba se escondendo do mundo, se fechando dentro de si, se ocultando de qualquer sentimento ou desejo que fuja do padrão imposto pela sociedade e que o force a sair desse esconderijo, que acaba se tornando seguro (Marciano, 2021).

O armário acaba sendo um dispositivo de regulação das vidas dos homossexuais, que evidencia o direito constitucional à privacidade diante de uma estrutura de grande hostilidade e opressão gay no século XX. Essa metáfora articula questionamentos a respeito da oposição das esferas públicas e privadas, que atormentam a angústia vivenciada pelos sujeitos homossexuais. O armário remete a uma esfera privada dos indivíduos, principalmente no reconhecimento de suas sexualidades, onde às vezes, não são aceitas, legitimadas, se tornando assim, marginalizadas diante a esfera pública, marcada pelas práticas heteronormativas da sociedade. Ao se assumirem, ou seja, ao sair do armário, acaba sendo uma forma de escapar dessa norma heteronormativa, contrariando a lógica machista e sexista que rege a nossa cultura. Porém, acabam entrando em contato com desdobramentos de violências, seja da homofobia e da afeminofobia, caracterizada como um dos pilares da heteronormatividade (Sedgwick, 2007).

Essas violências, em detrimento do reconhecimento de suas sexualidades, são vivenciadas em vários contextos e um, em especial, ganha uma grande preocupação expressa por todos os participantes: a família. É uma realidade que a maioria das famílias têm reações de violência, de rejeição, repressão e silenciamento no processo de reconhecimento da sexualidade de jovens LGBTQIAPN+ e em suas “saídas do armário”. Em alguns casos, em relação à orientação sexual ou identidade de gênero que são reveladas, a família pode apresentar atitudes consideradas como homofóbicas, afeminofóbicas, podendo assumir o controle, a vigilância, a perseguição e até mesmo a expulsão dos seus lares (Braga, Oliveira, Silva, Mello & Silva, 2018).

*[...]“Olha, o meu primeiro desafio, ao reconhecer minha sexualidade, foi a questão de aceitar, né? A segunda, vem a questão da família”. [...]*

*Quando me assumi, me assumi como bissexual para tentar amenizar o*

*impacto por que é isso né? A gente vive uma luta por, aceitação, pertencimento e a gente quer ter isso deles.” (Paulo)*

*“Um dos grandes desafios que tive ao me identificar como um homem gay foi nas limitações da minha família” [...]” Sabia que minha mãe e minha irmã iriam entender, que iriam me apoiar, já meu pai.. Não sei se iria me dar tanto apoio.” (Rogério).*

*[...] “Na família foi muito difícil, meu padrasto era muito homofóbico e religioso, então foi muito complicado, porque ele me sabotava muito, brigava muito comigo e não sabia o porque. Só depois, na minha pré-adolescência que fui entender o porquê, então eu sentia muito medo e acabava me isolando”. (Bini)*

É comum que muitas famílias acabam possuindo a noção da heteronormatividade como um “dispositivo regulatório da sexualidade”, como uma “tradição” ou uma “herança” que todos da família devem seguir e, quando se deparam com algo diferente acabam tendo dificuldades em compreender e aceitar a orientação sexual, que diverge do que era esperado. O contexto religioso nas famílias possui também outra grande interferência, pois acaba fazendo-os interpretarem o desejo homossexual como “loucura”, “safadeza”, “algo pecaminoso”, um “ato desumano” e etc. Com isso, é comum perceber que ocorrem várias tentativas de reprimir a expressão das vivências homossexuais, onde, muitas vezes, famílias acabam silenciando e inviabilizando a existência homossexual. (Braga, Oliveira, Silva, Mello & Silva, 2018).

Freud (1935) consegue ilustrar essa questão ao receber uma carta de uma mãe pedindo para que ajudasse o filho dela devido a orientação sexual dele. Pela carta, Freud compreendeu que a mãe tinha o desejo que ajudasse a “curar” seu filho de sua homossexualidade, como se a sexualidade do filho fosse uma doença a ser tratada. Essa situação reverbera que a aversão e tentativas de “tratar” e

“curar” a homossexualidade estiveram presentes no desenrolar da história e que infelizmente, ainda são muito presentes na atualidade, um fator que estimula um grande anseio nas vivências de indivíduos homossexuais.

O que foi mencionado acima está presente na fala de Bini o qual cita:

*[...]”Na minha época não se falava disso, não passava na TV sobre o que era ser gay, então não sabia o que era, mas foi no ensino médio que realmente tive a certeza do que sentia e sobre minha sexualidade.[...] Mas tive muito medo de colocar isso pra fora, sabe? Tipo, o que as pessoas vão achar e pensar de mim? Então negava até a morte isso, negava que gostava de homens, não entrava em contato com isso, então meio que criei um personagem”. [...]”Tinha medo da reação dos meus amigos, da minha família e comecei a me isolar muito, me afastei dos meus amigos que eram da igreja por conta disso, então não tive muitos amigos, eram poucas pessoas que me sentia confortável em deixar de lado esse personagem e ser quem realmente era. Foi quando mudei para Brasília, quando tinha 19 anos que realmente pude deixar um pouco esse personagem de lado, me assumi para minha mãe e comecei a falar sobre minha sexualidade para as pessoas daqui, mas confesso que esse personagem ainda existe e uso dele em alguns contextos”.*

Bini aborda justamente a angústia do medo que muitos LBTQIAPN+ sofrem quando estão descobrindo as suas sexualidades, o medo proveniente da opinião e do olhar do outro que julga, e que machuca. Visto isso, o mesmo menciona que teve a necessidade até mesmo de criar um “personagem”, como uma forma de se preservar de suas angústias e de seus receios que tinha ao enxergar e assumir a sua sexualidade, prendendo-se e fixando-se nesse armário, que teve consequências negativas no desenrolar de sua vida. Bimbi (2018) aborda em sua obra “O fim do armário” que essa simbologia do armário, esse esconderijo, construído em alguns jovens

LGBTQIAPN+ é uma forma de recalçamento da descoberta da vivência de suas sexualidades, podendo acarretar diversas consequências futuras.

O termo recalçamento, pontuado no parágrafo anterior, referenciado por Bimbi (2018), foi postulado por Freud, em 1890, no qual o autor o compreende como uma noção de defesa, pela qual o ego se defende de representações ligadas à vida sexual do sujeito. Entende-se que o sujeito, ao reconhecer sua sexualidade e entrar em contato com as suas pulsões sexuais, estas acabam sendo compreendidas como forças desestabilizadoras, motivando medidas de controle e de moderação. Caracteriza-se então como uma defesa psíquica contra a agressão da pulsão sexual à esfera egóica (Netto & Cardoso, 2012).

O recalçamento nutre a angústia, alimenta o desprazer e gera sintomas e, quando se fala do mesmo nas vivências homossexuais, acaba agravando diversos desdobramentos. Uma dessas consequências está evidenciada na fala do ativista Alexander Leon (2020) ao mencionar que:

*“Pessoas LGBTQIAP+ não crescem com a autenticidade de serem quem realmente são, mas crescem diante de uma versão que sacrifica essa autenticidade, para minimizar os danos da humilhação e preconceito. Um grande desafio, que encontram ao vivenciar a vida adulta, é diferenciar quais partes realmente pertencem a sua pura autenticidade, quem realmente são, das partes que foram criadas para se protegerem (Leon, 2020).”*

A criação de um personagem, “uma outra skin” ou até mesmo uma “máscara” foram associações, mencionadas pelos participantes para evidenciar os desafios, dificuldades e angústias ao reconhecer e assumir suas sexualidades. Porém, existe um outro fator de extrema importância, citado na fala dos participantes, que atribui uma grande influência para essa “estadia” dentro dos armários, altamente articulado ao reconhecimento e identificação, muitas vezes tardio e turbulento de suas sexualidades, que é a falta de identificação e representatividade. Yago e Rogério mencionam isso em suas falas:

*“Reconheci minha sexualidade quando tinha meus doze/treze anos, mas era algo que não sabia muito bem como identificar. Então era um período que estava dentro do armário, mas muito disso, por conta de não ter representatividade. Eu não tinha como ter um ponto de referência ali do que estava sentindo, de quem estava olhando no espelho, meus sentimentos quanto a tudo isso, eu não tinha um ponto de referência. Então, acabei não olhando muito para isso”. (Yago)*

*“O processo de reconhecimento da minha sexualidade foi muito complicado, bem complicado. É um momento que a gente já está passando por tanta coisa né? Tem tanto sentimento, muita coisa acontecendo por conta da adolescência e tem mais essa cereja no topo do bolo que é quando você se descobre gay”.[...] “E dentro desse processo, o mais complicado foi não ter uma identificação, você olha pra esquerda, olha pra direita, olha pra frente, olha pra trás e não se identifica com ninguém. Estava cansado de olhar por todo lado e não conseguir me identificar. Essa falta de reconhecimento é muito complicada pois as figuras gays da minha época eram muito caricatas, estereotipadas e eu não era assim, não queria ser assim”[...]. (Rogério)*

Destaca-se que a falta de representatividade e identificação causou impactos no reconhecimento das sexualidades dos participantes entrevistados. A falta de presença gay, em diversas esferas sociais, seja por meio de cargos de liderança, política, nas artes, autoridades, até mesmo de um colega de escola, reverbera os desdobramentos da homofobia e do preconceito da cultura e sociedade heteronormativa. A representação proporciona sentimentos de acolhimento, respeito e valorização das diferenças e singularidades de cada sujeito; mostram que ser diferente é

normal, atribuindo a noção de que não estão só, algo que os participantes não usufruíram desse privilégio.

Durante séculos os primeiros referenciais e, destaque aqui, os midiáticos, apresentados logo na infância, por meio de contos infantis, desenhos animados, filmes, peças teatrais, novelas, músicas, entre outras mídias sempre foram representados pela figura padrão do homem e da mulher cis gênero heterossexuais. Representações divergentes desse padrão, como as diferentes orientações de gênero e sexualidade não ocorriam, e isso ainda é um grande debate social pois a existência e representação de pessoas, corpos e sexualidades divergentes foi e continua sendo negligenciada. Sendo que toda essa negligência vem com o intuito de homogeneizar as sociedades e suas relações, priorizando então a visibilidade heteronormativa (Marciano, 2021).

A visibilidade é necessária, pois é uma forma de validar a existência de cada sujeito, sendo de grande importância para auto aceitação e para a construção da autoimagem de cada indivíduo. Por isso, a representatividade está para um olhar para o mundo, é se encontrar em alguém, em algum colega, algum personagem, em um mentor, em uma figura pública e neles se espelhar, se projetar e o mais importante, se identificar, para assim, reconhecer que, apesar da vivência singular de cada um, o sentimento de solidão pode ser amenizado (Bimbi, 2018).

A psicanálise reconhece a importância do reconhecimento e identificação para a construção e formação do eu. A constituição do sujeito, do eu, se constrói primeiramente a partir do contato que o indivíduo possui com o outro, com a alteridade proporcionando assim a superação de uma indiferenciação em relação ao mundo. Lacan (1998) aborda essa noção em seus estudos sobre o “estágio do espelho”, afirmando a constituição do sujeito a partir de um outro, onde a forma como a imagem do corpo próprio, a partir do outro, tem um papel fundamental na formação do eu e na imagem assumida pelo sujeito. Ou seja, a identificação com a imagem do semelhante e da percepção que o indivíduo possui de sua própria imagem são fatores imprescindíveis para a construção do eu, pois garante ao mesmo sentidos de reconhecimento, tanto por semelhanças, quanto por diferenças (Cukiert & Prizskulnik, 2002).

Kellner (2002) em sua obra “A Cultura da mídia – Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno” afirma o papel da mídia, compactuando como um grande precursor de representatividades, reconhecimentos e identificações, capaz de preencher lacunas, muitas vezes, ignoradas pelos contextos sociais do sujeito, por instituições de ensinos, família e etc.

*“A mídia pode também ser uma aliada, propiciando o avanço da causa da liberdade e da democracia. A cultura da mídia pode constituir um entrave para a democracia quando reproduz discursos reacionários, promovendo o racismo, o preconceito de sexo, idade, classe e outros, mas também pode propiciar o avanço dos interesses dos grupos oprimidos quando ataca coisas como as formas de segregação racial ou sexual, ou quando, pelo menos, as enfraquece com representações mais positivas de raça e sexo (Kellner, 2002, p. 13)”.*

Houve um avanço simbólico, mas ainda não muito significativo das representações sociais e midiáticas homossexuais, muitas ainda não ocupam lugares de poder, marcadas ainda pela marginalização. Em termos midiáticos, muitas representações ainda estão originadas por um roteiro criado pela ótica de pessoas heterossexuais que, por consequência, acabam estereotipando e tornando a figura do homem gay, de certa forma, “caricata”, como evidenciado na fala de Yago, anteriormente citada. Há uma pluralidade de vivências e experiências homossexuais e que todas sim devem ser reconhecidas e representadas, mas que sejam feitas a partir da ótica das pessoas homossexuais, para garantir assim o direito de serem agentes ativos das vivências retratadas e representadas pela mídia (Marciano, 2021).

A pluralidade das representações homossexuais sociais e midiáticas é um privilégio que a “geração Z” e as próximas terão, o que foi diferente da realidade dos participantes entrevistados. Todos passaram pela falta de identificação e tiveram que se adaptar sobre um cenário midiático heteronormativo, com figuras cis gêneras e com grande interferências binárias, sexistas, machistas e muitas vezes, homofóbicas. Essas representações midiáticas, tiveram um grande impacto nos

processos de subjetivações dos entrevistados, na construção de seus desejos, no entendimento, na compreensão, na formação de suas masculinidades e no grande fenômeno destacado neste trabalho, a afeminofobia.

**As influências da masculinidade hegemônica na subjetivação de homens gays: “Quanto mais macho, mais padraozão, maior o nível de aceitação e com isso você se sente melhor”**

Os contos de fadas são um dos primeiros contatos que crianças possuem com a mídia, sempre foram apreciados por educadores, pais e principalmente, pelas crianças. Essa grande apreciação parte de possuírem a capacidade de despertar uma espécie de fascínio nas crianças, devido suas histórias ricas em elementos mágicos e fantasiosos que representam uma multiplicidade de sentidos. Sendo então, capaz de seduzir as diversas áreas do conhecimento, principalmente as crianças, incentivando-as a se tornarem futuras leitoras (Chauí, 1984).

Os diversos contos de fadas proporcionam às crianças diversão, desenvolvem seus poderes e capacidades imaginárias, criando fantasias, auxiliando até mesmo no processo de autoconhecimento das mesmas. Estes, abordam em suas histórias noções de felicidades, medos, amores e angústias, levando-as a entrarem em contato com suas dificuldades, desafios e carências. Compreende-se aspectos positivos aos contos de fadas, destacam a autodescoberta e o processo de desenvolvimento das crianças, porém há também diversos pontos negativos que os mesmos proporcionam (Bastos & Nogueira, 2016).

Estudiosos também entendem que os contos de fadas podem contribuir para uma interferência nociva no desenvolvimento das crianças, pois podem servir de instrumentos de veiculação e perpetuação de diferentes estereótipos e ideais acerca da masculinidade e feminilidade. Ou seja, perpetuam e compactuam com padrões da sociedade como as relações de poder, a supremacia masculina, concepções de afeto sobre uma norma binária e heteronormativa, concepções familiares e a moralidades hegemônicas. Destaca-se a perspectiva de gênero, pois em suma maioria, os contos retratam a supremacia do masculino sobre o feminino, criando uma atmosfera de subordinação

feminina, impondo papéis e atitudes aos gêneros, tradicionalmente aceitos como corretos (Bastos & Nogueira, 2016).

Retrata-se aqui, por exemplo, o conto da pequena sereia, originalmente escrito por Hans Christian Andersen (1837), o qual ilustra a história de uma sereia que se encanta por um príncipe, onde salva a vida do humano, diante uma turbulenta tempestade e se vê domada por uma intensa paixão, a qual fez torná-la em humana em busca de concretizar seu amor por este mundano. Para isso, sujeita-se a abandonar seu mundo, sua família, a perder sua própria voz em pró desse amor que não consegue concretizar, sacrificando sua própria vida. Diante desse conto, vários questionamentos surgem como: Por que não foi o príncipe a se sujeitar e abdicar do seu mundo e de sua vida em pró do amor da sereia? O que teria o príncipe de tão importante para que a sereia sacrificasse sua vida? Se o amor envolve sacrifícios, por que a mulher tem que se sacrificar e não o homem?

Evidencia-se neste trabalho a ênfase midiática como contos de fada, filmes, livros, novelas, entre outros, pois estes constituíram um dos primeiros contatos das crianças a essa fantasia que coloca a figura masculina em um pedestal, onde o príncipe salva a princesa, onde o homem é capaz do salvamento, da proteção, do cuidado e das realizações. Destaca-se que as diversas representações midiáticas é um dos meios que ilustram e reforçam essas noções acerca da masculinidade, associando-a a estereótipos e padrões, muitas vezes estéticos, que correspondem à masculinidade hegemônica. A figura masculina acaba sendo então associada ao desejo, sendo introjetada no inconsciente das pessoas desde pequenas. Em oposição, o feminino é visto em um pedestal inferior, sempre buscando pela atenção e validação masculina e para isso submetem-se a diversos obstáculos onde devem atingir certos ideais e padrões para alcançar esse “grande desejo” (Maia, 2013).

Rogério aborda o que foi mencionado em sua fala:

*“Desde os primeiros momentos assim, a gente se vê inserido numa cultura heteronormativa e binária. A gente, já sendo homens gays, temos essa atração por essa figura masculina, a gente vê os príncipes nos filmes da disney, os super heróis, os bombados que aparecem na TV, então a gente é*

*induzido de certa forma, pela sociedade, a estar gostando desse tipo de padrão que assistimos desde pequenos”.*

Diante desse cenário, a introdução do desejo pela figura masculina, o binarismo e a heteronormatividade, representados através das mídias, pode favorecer com que os homens homossexuais vivenciam conflitos de papéis de gênero diante a heteronormatividade dominante, que não reforça a diversidade nas orientações sexuais. Considera-se que muitos possuem a ideia de que a homossexualidade fosse uma negação da masculinidade, articulando a noção do homem gay a uma ausência de todas expectativas e elementos que constituem a masculinidade, enxergando-os e considerando-os apenas como afeminados (Reis, Ferro & Rodrigues, 2022).

Porém, pelo contrário, a maioria de homens gays, fisicamente e esteticamente falando, buscam se afastar dos aspectos relacionados à feminilidade, pois esta é articulada a sentidos de inferioridade, passividade, e subordinação, atributos não muito desejáveis ao estar associado à figura de um homem. Além disso, características e aspectos femininos em um homem podem não configurar ao seus desejos, visto que contradizem o padrão desejante da masculinidade, representado pelas mídias. Logo, faz com que muitos homens gays internalizem os estereótipos dos papéis do gênero masculino, especialmente no que se refere ao corpo físico, sendo este uma forma de alimentar o desejo de outros homens, além de proporcionar atributos e qualidades como maior aceitação e pertencimento em ambientes sociais, maiores oportunidades e menores adversidades (Reis, Ferro, & Rodrigues, 2022).

Ao perguntar sobre o que os participantes pensam a respeito da masculinidade, diante suas perspectivas, retratam-a de uma forma muito singular e comum onde os quatro associam a mesma uma imagem de homem bruto, forte, viril, arrogante, com a voz grossa, que possui um corpo atlético e malhado, que assumem pelos faciais e corporais, que são provedores, ativos e que assumem a proteção. Esses traços remetem e representam os ideais da masculinidade hegemônica, afirmando estar ainda muito presente na associação sobre masculinidade, e de certa forma anulando

os outros tipos de masculinidades, assumindo um grande impacto nos processos de subjetivação dos homens, especialmente para os homens gays.

*“A voz pra mim é um grande exemplo de masculinidade, uma voz rouca, mais grave, misteriosa. É também a forma de vestir, para mim está mais nos aspectos visuais, em como a pessoa se comporta e fala”.* (Yago)

*“Entendo como masculinidade mais um comportamento bruto, meio arrogante talvez”.* (Paulo)

*“Masculinidade para mim é tudo que foge da feminilidade, é o homem que não acessa sua feminilidade, suas emoções, que não chora, que parece uma pedra, um hétero top”.* (Bini).

*“Masculinidade, ao meu ver, é muito sobre performance, por exemplo, a masculinidade está muito no vestir, na barba, no corte de cabelo, nas roupas, são essas pequenas coisas que vão constituindo essa noção do que é ser masculino”. [...] “A masculinidade parece estar associada a uma construção que é muito machista”.* (Rogério)

Rogério aborda em sua fala uma concepção sobre a masculinidade, articulando um ponto muito importante, abordado anteriormente no eixo da fundamentação teórica: o conceito de performance, defendido por Butler (2003). A masculinidade, principalmente a hegemônica, acaba sendo considerada como uma performance social de gênero. Isso evidencia um padrão, estereótipo, comportamento e imagem, caracterizada anteriormente pelos participantes, como a representação da masculinidade, a qual indivíduos já entram em contato desde suas infâncias diante dos seus contextos sociais e pelas mídias. Logo, essa performance, essa representação do que se considera como masculino, se torna uma projeção, uma espécie de reflexão do que se espera minimamente

dos homens a fim de que sejam considerados como tal (Ferrari, 2021). Logo, diante disso, levam vários homens a ajustamentos diversos no sentido de procurar pertencer a esse grupo, dotados da hegemonia da masculinidade (Butler, 2003).

Ressalta a importância de mencionar o reconhecimento das diferentes configurações de masculinidades, onde não possuem caráter fixo e cristalizados, mas sim compreendida como uma ampla relação de dilemas e significados que são construídos, produzidos e reproduzidos ao longo da trajetória de um homem (Macedo & Ortis, 2020). Porém, os padrões da masculinidade hegemônica, articulados com a noção de performance, anteriormente discutidos, excluem qualquer outro tipo de masculinidade, afirmando a existência de apenas uma, exacerbando a hegemonia.

Isso atribui uma significância simbólica na construção da autoimagem e nos processos de subjetivação do homem gay. Uma vez que os indivíduos projetam esses padrões sociais, “minimamente aceitáveis”, relacionados à masculinidade para si mesmos e para os outros, na procura de se enquadrarem em normas sociais e culturais evitando, assim, qualquer tipo de violência e preconceito para se sentirem aceitos, desejados e pertencidos (Reis, Ferro & Rodrigues, 2022). Não somente, a masculinidade como um meio de aprovação homosocial, onde homens estão sendo constantemente observados e vigiados por outros homens que classificam, julgam e os avaliam tendo em vista o domínio da masculinidade, como se esta fosse uma demonstração de aprovação (Takakura, 2016).

Isso influencia aos homens gays a performarem os ideais do homem másculo, que se passa por heterossexual, “discreto” e que “não dá pinta” mesmo que se percam, de um ponto de vista simbólico (Reis, Ferro & Rodrigues, 2022). Cria-se assim, um ciclo de produção de angústia, pois ao tentar se aproximar desse lugar simbólico do desejo idealizado da masculinidade hegemônica, acabam deteriorando e aniquilando suas próprias subjetividades em prol de se estabelecer em um lugar de ser desejado e não de um ser desejante (Cunha & Mattos, 2022).

Destaca-se que mesmo os participantes que se consideram afeminados, sofrem dessa influência pois reconhecem “as vantagens da passabilidade masculina”. Assemelha-se ao conto da

pequena sereia, onde a maioria dos homens gays acabam fazendo diversos ajustamentos, por mais simbólicos que sejam, por mais que acabam perdendo suas vozes, assim como a sereia, escolhendo por uma mais grossa, vestindo a máscara da masculinidade, para poder assim, usufruir de seus privilégios.

Esse discurso está presente em algumas falas:

*“Quanto mais macho, mais padraozão, maior o nível de aceitação e com isso você se sente melhor”.* (Yago)

*“Eu tento buscar malhar para mudar meu corpo mais para me enquadrar em um senso padrão masculino”. [...] Por ser magro, não acho que causo tanta presença de um homem, homem, então malho para ter essa presença e por gostar também de homens mais bombadinhos”.* (Paulo)

*“Chega um momento que a gente começa a fazer algumas opções na nossa vida.” [...] Me adaptei para encontrar a menor quantidade de dificuldades, optei por uma aparência que é pouco perceptível que sou gay, algo que me incomoda um pouco de ter optado por uma skin que sofre menos”* (Rogério)."

### **A construção do desejo voltada para masculinidade: “É como se numa balança, o homem mais masculino passasse mais do que o afeminado”**

Diante do que foi mencionado anteriormente, há ainda um outro ponto em comum dos quatro participantes, a respeito do conceito de masculinidade e sua performance, é que sentem-se atraídos por ela. A atração e o desejo por homens considerados “másculos”, diante da ótica hegemônica, apareceu em todos os entrevistados, mesmo entre os que se consideram afeminados. Esse padrão de masculinidade desperta um desejo que, como mencionado anteriormente, foi construído desde

pequenos, evidenciando que o desejo da masculinidade, é um reflexo socialmente construído pelas diversas instituições que passaram durante sua infância, adolescência e juventude, demarcando esse desejo pelos padrões e performances da masculinidade (Ferrari, 2021).

*[...] “A masculinidade é algo que me atrai bastante, é uma coisa muito dentro da dinâmica que vivo hoje e acho que, no quesito sexo, a masculinidade ela é diferente, me desperta um interesse muito maior.*  
(Rogério)

*[...]”Sinto atração por caras mais padãozinhos, homens mais velhos, não de idade, mas com uma experiência maior que a minha, uma vida já estruturada, gosto de homens grandes que passam uma questão de segurança, um homem que me defenderia, um homem peludo, mais ursão”.*  
(Paulo)

Logo, afirmam que o desejo dessa masculinidade está presente tanto na busca de relações sexuais, quanto afetivas. Há uma articulação entre o afeto e o corpo, onde ambos parecem estar intercalados e dependentes um dos outros, visto que se alguém que não instiga o desejo, não conseguem se relacionar e dirigir o afeto. É preciso então desejar primeiramente para depois demonstrar o afeto. Destaca-se então que os ideais corporais articulados e enquadrados no padrão masculino heteronormativo como precursores do desejo, para assim, direcionarem seus afetos (Reis, Ferro & Rodrigues, 2022).

Apesar da atração e desejo dos participantes estarem voltados aos estereótipos da masculinidade hegemônica, há presente em seus discursos algo contraditório: todos afirmam que há um certo “limite” para essa masculinidade. Afirmam que além de não serem representados pelos padrões, estereótipos e comportamentos da masculinidade hegemônica, também não gostam de homens 100% másculos e de acordo com esses padrões, pois articulam a essa masculinidade aspectos negativos como o machismo, sexismo e a homofobia.

[...] *“A masculinidade para mim é atraente na medida certa, não pode ser associada com um hétero top; aquele homem que coça o saco, cospe no chão, que não fala muito bem, que não gesticula, que não se expressa, tem a cabeça fechada e coloco essa noção até mesmo na comunidade gay, sendo o cara somente ativo, não usar rosa, ser cheio de preconceitos.”*[...] *“Acho que a masculinidade não me representa 100% e nem quero, sempre tento estar em um mix entre o masculino e feminino, como uns 60/70% masculino e o restante feminino”*. (Yago)

[...] *“Gosto, sinto atração por um corpo mais forte, busco pra mim isso também, acho essa masculinidade atraente, mas não me representa, acho que chega até ser tóxica para gays né?”*. (Rogério)

[...] *“Me considero afeminado, não sou um cara másculo assim... Transito entre a masculinidade e feminilidade, pois gosto de maquiagem, gosto de moda, de desenhos de meninas e gosto disso em um cara. Não gosto de homens que vestem uma máscara de masculinidade, gosto dos que transitam entre a feminilidade também, que aceitam ela.”* (Bini)

A aceitação e o reconhecimento da feminilidade foi apontado como um fator positivo para os participantes, ao considerarem atributos de um parceiro ideal. Porém, ao perguntar se essa atração seria a mesma por homens gays afeminados, ou seja, por homens que cultivam uma certa performance de gênero mais feminina, todos negaram, incluindo os que se consideram afeminados. Ressalta-se que todos não excluíram a possibilidade de se relacionarem com homens afeminados, principalmente de uma forma casual ou sexual, pois consideram que um parceiro ideal transite entre a masculinidade e feminilidade, porém o peso do masculino acaba sendo maior.

*[...]”Eu não vou deixar, por exemplo, de ficar com um cara que é afeminado, mas se for para escolher entre um cara que é afeminado e um cara mais másculo, que tem a voz mais grossa, mais grave, que é mais sensual ao meu ver, vou sentir um tesão maior.” [...] “É como se na balança o homem mais masculino pesasse mais do que o homem afeminado”. (Yago)*

Ferrari (2021) articula essa noção ao fato de não conseguirem “quebrar” com a interferência social na construção de seus desejos, que mesmo que considerem a feminilidade, a base do desejo está relacionada aos valores da exaltação de uma masculinidade viril, a qual reverbera performance de gênero associados a hegemonia, em que este parceiro deveria ser, sobretudo, masculino e viril (Reis, Ferro & Rodrigues, 2022).

Evidencia-se, então, de certa forma, a rejeição, mesmo de forma velada, do homem gay afeminado, sendo este o mais estigmatizado e menos “procurado” para relacionamentos afetivos e sexuais. Um homem gay afeminado exacerba o oposto de um homem másculo, são vistos como abjeção ao ideal de ser homem, fogem e desviam dos padrões do modelo hegemônico, são considerados “desviantes” da ordem natural e com isso, acabam sendo também “desviantes” dos desejos e afetos de outros homens, tornando-os objetos de estigmas e preconceitos (Ferrari, 2021).

Visto que homens gays afeminados são considerados o oposto do homem gay másculo, é comum associá-los às performances de gênero rotuladas como femininas, associação a qual foi evidenciada e defendida pelos quatro participantes. Diante dessa associação, vários signos, ícones e comportamentos vieram à tona ao decorrerem suas considerações sobre o homem gay afeminado como: shortinho, maquiagem, trejeitos, voz fina, cabelos longos e passividade ao descrever a imagem do gay afeminado.

*[...]”O homem gay afeminado está muito ligado nessa performance da feminilidade né? Ele performa o feminino, muitos vão para uma direção com o corpo mais curvilíneo, a cintura fina, algo que pra mim não me atrai sabe?” [...]”O cara afeminado não é uma coisa que me incomoda mas é*

*uma coisa que não me atrai, sexualmente falando mas tipo, não deixo sei lá, de ficar com em uma festa”. (Rogério)*

*[...]”Quando penso em um homem afeminado, penso logo em um homem mais feminino, nos trejeitos, na forma de se vestir, o uso da maquiagem, vem muito essa imagem do gay com shortinho na balada sabe?” (Yago)*

Outro ponto relacionado às opiniões dos participantes sobre homens gays afeminados, foi que todos trouxeram aspectos positivos. Muitos associam o homem gay afeminado com simbologias de autenticidade, liberdade e de fascínio. Um fascínio não relacionado a um desejo sexual ou de afeto, mas que possuem do sentimento que eles transmitem de serem confortáveis em suas próprias peles. Essa positividade, que parece ser uma luz diante tanta escuridão, é apontada por Fernandes (2011), o qual afirma que o afeminado tem uma grande influência nos papéis sociais, pois chocam com os ideais conservadores e acabam simbolizando sentidos de liberdade, auto-expressão, autenticidade e sinceridade.

*[...]”Ninguém é obrigado a gostar e ser que nem um gay afeminado mas acho que eles são tudo, são as pessoas que se representam algo muito importante, como se estivessem vestindo uma roupa super diferente, super brilhante que todo mundo olha, não tem como evitar, não tem como não ver, que podem julgar mas que elas estão lá, brilhando independente do julgamento” (Bini)*

*[...]”Os afeminados tem algo que me fascina, que acho muito interessante, que se relaciona também com o corpo trans. Eu gosto muito de ver, sem perder o respeito obviamente, pois exalam autenticidade, uma liberdade, uma coragem, uma certeza de si que eu, particularmente, não tenho e acho invejáveis”. (Rogério).*

*[...]”Acho que homens gays afeminados são muito importantes, principalmente porque eles não têm o privilégio que seria a passabilidade né? A afeminada não tem como esconder não vestem a máscara da masculinidade, elas realmente dão a cara a tapa para a sociedade e isso é muito importante”. (Yago)*

Apesar do aspecto positivo mencionado anteriormente, o homem gay afeminado por se distanciar dos estereótipos e padrões relacionados a uma masculinidade “tipicamente viril”, acaba sendo visto e compreendido como mulher. Essa associação do "afeminado" ao feminino acaba relacionando elementos atribuídos à feminilidade como passividade, fraqueza e submissão, colocando os gays afeminados em uma posição marginalizada, reiterando o desprezo por não performarem os padrões e estereótipos dos papéis sociais de gênero (Fernandes, 2011).

Tal associação condiz com todo o binarismo, machismo, sexismo e misoginia presentes no cerne da sociedade brasileira a qual ensina aos meninos, desde pequenos, que ser homem é diferente de ser mulher e que ele deve desejá-la, e deve negar e se desvincular de qualquer modelo e aspectos do feminino, evidenciando a rejeição da feminilidade (Moura & Nascimento, 2021).

*[...]”Desde a nossa infância, desde os nossos primeiros momentos a gente se vê inserido numa cultura heteronormativa e binária e a gente meio que vai nessa construção né? Que é uma coisa misógina assim. Tem momentos lá da infância que a gente estava lá brincando, aí solta um bracinho, a mão desmunheca e logo a gente é repreendido. A gente escuta muito isso de “isso não é coisa de menino”, “gritar é coisa de mulherzinha”. Então isso acaba virando um fator que a gente vai sendo educado para não ser feminino e ter uma certa aversão ao feminino”. (Rogério)*

*[...]”Era uma criança muito afeminada, e assim, eu nem sabia direito o que eram essas coisas e as pessoas já apontavam, já me categorizavam, me chamavam de bichinha, as amigas da minha mãe já comentavam com ela, então as pessoas já tiram essa conclusão pra gente, antes mesmo da gente saber”.[...] Outra coisa, a gente vai colocando na cabeça de que homens tem que fugir ao máximo de tudo que é feminino, porque se a gente fala de voz fina, se usa algo feminino, lembro de quando brincava de boneca com as meninas era chamado atenção e era muito ridicularizado. A gente vai crescendo com essa visão do feminino como uma punição, sabe? E vejo muito dos gays assim hoje, fugindo disso”. (Paulo)*

As falas dos participantes, mencionadas anteriormente por Rogério e Paulo, destacam que desde pequenos já se depararam com os padrões da heteronormatividade o qual transmite valores minimamente esperados para meninos e meninas e ao se vincularem com aspectos considerados femininos se deparam por repreensões. Isso representa o que acontece com muitos meninos que, na infância, já se deparam com a afeminofobia, sem nem saber o que é, mas acabam sendo vítimas por causa de seus comportamentos e vontades que vão na contramão da sociedade patriarcal e heteronormativa (Macedo & Ortis, 2020).

Parece, então, que a aproximação com traços de feminilidade, automaticamente relaciona-se à desvalorização da identidade masculina, uma vez que ao se relacionar, perde o lugar de prestígio atribuído aos traços sociais mais comuns do masculino (Macedo & Ortis, 2020). Logo, evidencia-se aqui o grande tema do estudo, ganhando destaque: a afeminofobia, pois realmente revela uma certa fobia da masculinidade estar associada ao feminino e a feminilidade. Para isso, aprofunda-se diante as teorias e definições psicanalíticas sobre o que seria essa fobia, sobre a feminilidade e sua “incompatibilidade” com a masculinidade.

**Afeminofobia sobre a ótica psicanalítica: “ a gente vai sendo educado para não ser feminino e ter uma certa aversão ao feminino”.**

A afeminofobia possui já em sua composição a fobia, Ivan Ward (2005) a considera como uma fragmentação das faculdades mentais, uma prova do inconsciente que causa uma desproporção entre o estímulo da experiência do indivíduo gerando uma reação exagerada, onde o indivíduo se vê aterrorizado e dominado por uma grande angústia.

Freud (1895) também compreende a fobia como uma reação a uma ameaça localizada, de algo realístico, de um perigo iminente ao indivíduo cujo o mesmo considera como real, desencadeando-o sinais de angústia, pavor, aversão e medo. É difícil determinar o porquê a fobia surge em determinada situação, visto que partem de acontecimentos psíquicos, estes que são vários e com diferentes causalidades. Porém, as fobias revelam um jogo complexo de forças que querem se revelar, algo de extrema importância pois articulam com as forças mais poderosas do inconsciente do sujeito e que estas, querem dizer algo (Ward, 2005).

Aprofundando na temática deste trabalho, uma das grandes violências que homens gays afeminados sofrem é a afeminofobia. Esta revela que o que poderia ser considerado como objeto fóbico ao sujeito, seria o feminino, onde este se configura como uma ameaça real e localizada. O feminino, logo, o objeto fóbico, desperta então reações que podem proporcionar ao indivíduo essa angústia, medo, terror e até aversão, sendo estes grandes fatores que desencadeiam atos de barbaridades, violências e mortes (Freud, 1895). Mas o que teria o feminino de tão fóbico? Principalmente ao ser associado à masculinidade?

Retoma-se aqui uma das primeiras teorias sexuais freudianas para compreender minimamente o feminino, e, sua aversão, ao ser associado à masculinidade: o monismo sexual. Ou seja, a hipótese de um só e mesmo aparelho genital, o qual consiste que o único órgão sexual, reconhecido pela criança, nos dois sexos é o órgão masculino, ou seja: o pênis. Esse conceito traz um grande senso de determinismo, mas é de extrema importância para compreender a base epistemológica psicanalítica

da afeminofobia. Logo, durante o complexo de castração a figura fálica atribui um grande significado: a identificação sobre os meninos e inveja pelas meninas (Silva, 2005).

Na menina, o complexo de castração, oriundo pela visão e reconhecimento do pênis nos meninos, a levará a ter um sentimento de inferioridade e a querer compensar a falta, que possuem desse órgão, pela inveja do mesmo. Nisso, o complexo de castração a faz voltar para a figura do pai, ou de outros representantes que possuem o domínio do falo, visando tentar substituir a falta que possuem do pênis. Enquanto no menino, pelo reconhecimento de que possuem também o órgão fálico, acabam introjetando então a autoridade paterna, na menina são fatores externos que agirão dessa forma, como a educação, a intimidação, o temor de não ser mais amada. Aqui já evidencia aspectos da hegemonia e supremacia da masculinidade, onde já são associados aos meninos sentidos de autoridade e poder, apenas por possuírem o falo, enquanto as meninas, são representadas pela falta e, por isso, devem preenchê-la desejando o pênis na figura de quem possui (Silva, 2005).

A função fálica passa a ser compreendida como um motor organizador da sexualidade feminina, onde o desejo de possuir o falo proporcionará o acesso à feminilidade. Logo, para isso, a menina deve assumir uma posição de passividade em direção a quem tem o domínio desse atributo fálico, sendo a única possibilidade de obtê-lo. Evidencia-se então que as mulheres, ao se perceberem castradas, ou seja, perceberem sua falta fálica, se voltam então para a figura e para o amor de um homem (Ehrlich & Darriba, 2013).

Destaca-se uma noção de extrema importância para este trabalho que, para Lacan (1958) a mulher também é comparada, em seu sexo, a um buraco, um vazio que é difícil de simbolizar. Logo, a feminilidade surge como uma “máscara”, recobrando esse vazio, caracterizado como um vazio identitário. Além deste, a falta é outro traço associado, onde acabam sendo vistas sem uma significância, recorrente ao seu vazio simbólico e identitário, fazendo-as se refugiar em uma máscara do desejo, este ocupado por um homem, preenchendo assim o vazio que lhe falta. Por ser

uma máscara, ela pode ter várias faces, mas a face fálica se apresenta como a dominante (Silva, 2005).

Evidencia-se que Lacan (1958) associa a noção de falo para além do órgão sexual, em relação ao feminino, mas sim como um significante primordial da falta. Isso faz o feminino se dirigir a uma posição de desejo, como mencionado acima, o desejo da constante busca pelo preenchimento dessa falta, o desejo de sua significação, de sua identidade. Enquanto o menino se reconhece em ter o falo, a menina se reconhece em ter que ser e conquistar o falo, ou seja, ser o significante do desejo do outro. Por isso, o feminino, marcado pela sua falta, pelo que não é, gera o desejo de ser tão desejada ao mesmo tempo que reconhecida<sup>7</sup>.

Tendo em vista todos esses fatores “positivos e qualidades” do falo à masculinidade, Silva (2005) afirma em seus estudos que em contrapartida, o feminino não teme a castração, pois a menina já é anatomicamente castrada, já o homem, especificamente o conceito masculinidade, teme a castração, ela é vista como uma ameaça, tornando presente aos homens uma angústia dessa castração. Retoma-se aqui a continuidade no conceito de fobia que vem então, para o masculino, como uma forma positiva, um mecanismo psíquico que possuem para contornar e evitar o confronto da castração. Logo, a fobia acaba se tornando uma espécie de defesa, pois o objeto fóbico surge como uma representação real da sua angústia proveniente da castração, transformando-a em medo ou aversão, o que é mais bem tolerado pelo sujeito, ao invés de continuar como angústia. Logo, o sintoma fóbico surge para diminuir a angústia da castração (Silva, 2005).

Articulando essa linha de pensamento ao conceito de afeminofobia, questiona-se então qual seria esse medo, essa angústia que o afeminofóbico possui? É evidente que o afeminofóbico não considera os homens gays afeminados enquanto objetos fóbicos, pois se fossem, evitariam entrar em contato pois seria de extrema angústia para eles. Pelo contrário, eles se aproximam com

---

<sup>7</sup> Reforça que esse pensamento discutido pela psicanálise pode possuir uma carga masculinista, reverberando ideais patriarcais, sexistas, compactuando para uma grande desigualdade de gênero. Essa foi uma grande pauta discutida e manifestada por diversos movimentos, principalmente os feministas, mas essa linha de pensamento é importante a ser considerada para compreender as origens epistemológicas da afeminofobia e seus desdobramentos. É válido ressaltar que posteriormente, houveram avanços na concepção psicanalítica proporcionando a descontinuidade de sentidos patriarcais e machistas entre sexo e gênero. Freud, posteriormente em suas obras estabeleceu as condições de reconhecimento da descontinuidade entre sexo e gênero, interpretando seus estudos dentro da lógica clássica sexual referida à sociedade patriarcal e masculinista, mas não afirmando seu caráter normativo (Sartori & Ceccarelli, 2021)

violências, agressões, os perseguem de forma impiedosa e os assediam. Evidencia-se então que o medo e a angústia que possuem está para além da forma orgânica da figura do homem gay afeminado, mas sim, do que representam; algo que não gostariam de entrar em contato, pois entrando poderiam afetar suas noções de masculinidade e evidenciar o mais angustiante, a castração. Logo, o grande medo está na feminilidade.

O homem gay afeminado, por evidenciar em si aspectos relacionados à feminilidade, acaba associando também os aspectos mencionados anteriormente a respeito da posição de falta do feminino, porém, sobre a visão afeminofóbica, há uma grande contradição. Uma contradição que parte da ideia de que se são homens e possuem o domínio do falo, logo do poder e todas as qualidades atribuídas, porque parecem abdicar ou renunciar do falo? Se possuem o poder porque “optaram” por não usufruí-lo?

A concepção da masculinidade está em se afastar de tudo que é relacionado ao feminino, logo, quanto menos feminino se é, mais masculino se torna. O senso de identidade do homem está socialmente ligada à ideia de masculino e sua performatividade, ter a posse do pênis não é suficiente. Para se tornar um homem viril e masculino, devem atribuir de outros comportamentos e características contrárias e que se afastem da feminilidade. Logo, o homem deve enfraquecer e diminuir tudo o que representa o feminino, tornando assim, impossível a existência de um homem com características femininas (Badinter, 1992).

O homem gay afeminado evidencia, aos olhares crus de afeminofóbicos, que a castração pode acontecer aos homens, pois representam em suas masculinidades um elemento bastante aversivo à eles: a feminilidade, evidenciando assim a perda da autoridade e poder. Logo, o contato com homens gays afeminados acaba sendo uma forma de afetar suas masculinidades, temem que possam se tornar iguais aos mesmos ou terem sua virilidade afetada, perdendo assim seu caráter dominante. Isso evidencia uma grande fraqueza na base da masculinidade, onde o simples contato com a feminilidade, expressada por homens gays afeminados, os causam aversão, até mesmo repulsa,

sendo necessário então se afastar e se abster de tudo o que é relacionado ao feminino para assim, confirmarem suas masculinidades. (Adaid, 2016).

Concretiza-se então que o que se esconde por detrás da fóbica aversão à feminilidade é a fragilidade da masculinidade, onde o simples contato com o afeminado é capaz de despertar uma enorme angústia, ou desejo, pois desencadeia aos homens a consciência de suas próprias características femininas, como a passividade e a sensibilidade, que eles consideram um sinal de fraqueza (Adaid, 2016).

O homem gay afeminado evidencia então a fragilidade masculina e o medo que possuem de perder suas próprias características, sua identidade. A afeminofobia então, pode ser compreendida, como um mecanismo de defesa psíquica, uma estratégia que utilizam para evitar o reconhecimento de uma parte inaceitável de si, evidencia-se a fala de Paulo, capaz de exemplificar essa linha de pensamento:

*[...]”Não sei o que acho...Depende do quanto eu estiver bem comigo mesmo eu sou a favor e as vezes, que não estou bem comigo mesmo, eu acabo julgando muito.” [...]”Porque, você meio que não aceita que o outro está fazendo e você não, que o outro está livre, fazendo o que quer. Talvez, se me aceitasse mais, aceitasse meus desejos, seria livre assim também”.* (Paulo)

Pode-se então compreender que reações afeminofóbicas podem ser uma forma de evidenciar a luta contra os desejos, aproximações da feminilidade e pulsões homossexuais do indivíduo as quais nem ele mesmo tem consciência. Essa violência está mais para um reflexo do ódio que possuem de si mesmos, de terem essas pulsões e que a violência seria uma forma de “eliminar” esse desejo (Adaid, 2016).

A afeminofobia, assim como a homofobia, para Borrilo (2010) simboliza uma disfunção psicológica perante um conflito não resolvido durante suas infâncias, cujo inconsciente projeta uma aversão contra essas pessoas sendo uma forma de mecanismo de defesa o qual diminui a angústia do desejo do indivíduo do mesmo sexo ou de assumirem traços relacionados femininos.

Evidencia-se aqui estudos abordados por Ward (2005) a respeito de pânicos sociais e objetos fóbicos, onde estes foram criados e são reforçados em nossa sociedade para destacar autoridades e conceitos de dominâncias sociais e manter suas prevalências. A masculinidade hegemônica é um exemplo, que para ser mantida como status quo e ter sua relevância, marginaliza e inferioriza outras masculinidades, destaca-se aqui homens gays afeminados, considerando-os como uma grande aversão, como pedras angulares do sistema cultural, direcionando-os às diversas formas de violências. Porém, estes são considerados inconscientemente como repositórios de todas as partes indesejáveis e importunas dessa masculinidade, é como um fantasma que ameaça as ilusões culturais e grupos dominantes do status quo, se mascarando como objetos fóbicos (Ward, 2005).

Logo, a afeminofobia, assim como a homofobia, vem como uma forma de suprimir os desejos homoeróticos do sujeito. Esse desejo, voltado para outros homens, é visto como se fosse um desejo feminino, aproximar-se deles é aproximar-se do feminino, algo extremamente angustiante e fóbico para suas masculinidades. Logo, por meio de práticas violentas, expressadas pela afeminofobia e homofobia, caracterizam como esforços de suprir esse desejo, velado de certa forma, para tentar assim purificar suas relações com os homens e enxergar o feminino desassociando-se de si. Logo, essa “fuga” é compreendida como o repúdio do feminino e do homossexual que abrigam em si (Takakura, 2016).

**Afeminofobia e homofobia internalizada na comunidade gay: “Comunidade não acho que é a palavra certa para definir pois ainda não age como uma”**

Para algumas pessoas, o arco-íris da Bandeira Gay, acaba não sendo tão colorido e tão vibrante quanto sua simbologia. Acabam sendo nubladas, representando uma escuridão pelos grandes sentidos de violências atribuídos a ela. Ganham-se destaque a afeminofobia e homofobia, estas resultam em milhares de mortes de homossexuais, tiram-os direitos da vida, possibilidades, sonhos e geram cicatrizes, muitas vezes profundas, nas vivências de cada homossexual. Podendo ser evidenciado pelas falas de alguns participantes:

*“É muito mais fácil a gente reconhecer os desafios que enfrentamos do que vantagens, infelizmente muitos de nós acabam tendo que sobreviver nessa sociedade que é extremamente homofóbica”.* (Bini)

*“Acho que muitos gays possuem meio que um mecanismo de defesa, optam por sacrificar de muita coisa para ter uma vida mais tranquila. Sinto que muitos encontram caminhos, optam por caminhos menos hostis, de serem menos vistos, julgados, com medo né, do que possa acontecer”.* (Rogério).

*“Um dos principais desafios que enfrento hoje são os olhares das pessoas. Sempre quando saio de casa, quando estou no ônibus etc, sempre vejo olhares das pessoas para mim, vejo que estão julgando, quase dando para ler os pensamentos delas.” [...]”Mas hoje como o tópico da homofobia como criminalização está mais em alta, as pessoas ficam até mais cautelosas nos comentários. Inclusive sinto até uma pintada, às vezes, de preconceitos disfarçados de elogios, como: “nossa que cabelo diferente, que sapato chamativo”, sabe?”.* (Paulo).

A homofobia é um dos princípios, um dos pilares, organizadores das definições de masculinidade. A homofobia é compreendida e associada com sentimentos de antipatia, desprezo, aversão, raiva e ódio que enrijecem preconceitos que possam induzir agressões físicas, verbais ou até mesmo o extermínio de pessoas homossexuais ou LGBTQIAPN+. Porém, a homofobia está para além desse medo ou aversão irracional dirigido a homossexuais. Para o homem, exacerba o medo que possuem de que outros homens os desmascarem, especulem ou revelem de que não estão a altura de cumprir aos atributos da masculinidade, de que não são considerados homens o suficiente. Logo, acabariam então se distanciando da masculinidade, sendo então associados à feminilidade e suas depreciações, causando-os, muitas vezes, vergonha e silenciamento. Evidencia-se então que a

base da homofobia está na afeminofobia, o medo de serem vistos como afeminados dominam a compreensão cultural de masculinidade, o que já começa muito cedo em suas vidas. Os homens então, passam a ser como fiscais de gênero de outros homens, constantemente ameaçando a desmascará-los como femininos ou afeminados (Takakura, 2016).

Nesse sentido, o medo de serem percebidos como femininos associa-se à homossexualidade, e à serem “taxados” como gays. A comparação com a homossexualidade retiram atributos da masculinidade e virilidade fazendo, muitas vezes, com que exagerem todas as regras tradicionais da masculinidade evidenciando assim a homofobia, a afeminofobia e o sexismo, que andam de mãos dadas.

Um grande aspecto, associado a internalização, é que ela funciona como uma forma de sobrevivência e adaptação. Na medida em que o sujeito estiver mais de acordo com as normas e regras sociais estabelecidas, associa-se a sentidos de aceitação, pertencimento e recompensas. Já os que não optam por internalizar alguns aspectos, que possam não conduzir com seus princípios e ideais, podem sofrer punições, exclusão e despertencimento (Antunes, 2016).

Ou seja, tendo em vista as bases constitutivas da sociedade, acabam que todos possam internalizar, em algum nível, o longo do seu processo histórico, elementos afeminofóbicos, homofóbicos e seus principais componentes (misoginia, patriarcado, machismo, homonegatividade, heterocentrismo, heteronormatividade, heterossexismo, heterossexualidade compulsória e as normas de gênero) pois estes foram, e ainda são, formas totalitárias de sustentar, organizar as estruturas de poder e funcionamento da sociedade (Antunes, 2016).

Logo, pode-se perceber que por causa do preconceito, a heterossexualidade, afeminofobia e homofobia, que são condutas majoritárias da sociedade, acabam sendo introjetadas por muitos homens homossexuais. Devido a essa internalização, eles passam a realmente acreditar acreditar que é um sujeito repulsivo, e que isso seja uma fonte precursora de grande parte de seus problemas. De um modo geral, o homem homossexual ao internalizar esses preconceitos acaba desdobrando

diversos questionamentos sobre o próprio valor pessoal, ódio por si mesmo e em casos extremos, a autodestruição (Meyer & Dean, 1998).

*“Ser gay não exclui ninguém de ser preconceituoso, muito pelo contrário. As pessoas, às vezes, acham que, por fazerem parte da comunidade, tem a liberdade de falar algo para outra pessoa, mas não se dão conta que o que está sendo falado compactua com uma construção homofóbica, entende?”*  
(Yago).

Meyer e Dean (1998) definem a homofobia internalizada como uma canalização para o self do próprio homossexual, absorvendo todas as atitudes de valor negativas para si. Por consequência da internalização da homofobia e afeminofobia, os homossexuais acabam podendo manifestar diversos sintomas, lista-se aqui alguns: negação de sua sexualidade, ou a falta de reconhecimento das suas atrações emocionais e sexuais, para si mesmos e para outros; Dificuldades no reconhecimento e tentativas da mudança de suas sexualidades; Pensamentos obsessivos ou comportamentos compulsivos.

Além disso, sentimentos de que não se consideram “suficientemente bons”, podem vir à tona, gerando tendências ao perfeccionismo, fazem-os buscarem sucesso em seus diversos contextos (familiar, escolar ou profissional), como forma de compensação, para se sentirem aceitos e reconhecidos; Baixa autoestima e imagem negativa do próprio corpo; Desprezo pelos membros considerados mais “assumidos” e “óbvios” da comunidade LGBT, aos homens gays afeminados e por aqueles que ainda se encontram nas primeiras fases de assunção da sua homossexualidade (Baére, Zanello & Romero, 2015).

*[...]”Acho que eu não me sinto confortável, às vezes, na comunidade gay, tem em certos momentos que há sim um acolhimento mas vejo muita competitividade, talvez de ego onde a gente acaba não se ajudando, parece que a gente tem uma rivalidade, assim”.[...]”A gente tenta sempre*

*compensar em tudo, né? A gente compensa na educação, sendo bons alunos, tirando notas boas, sendo bons filhos, bons profissionais, isso tudo para sobrepor a questão da sexualidade. E acaba que a gente não se ajuda por voltar nessa questão do ego, quero ser melhor do que você, quero fazer as coisas melhores que você”. (Paulo).*

É possível ver outros desdobramentos, onde dentro da comunidade gay, os próprios homossexuais sentem a necessidade de zombar de quaisquer características que sejam associadas à feminilidade, evidenciando assim, traços hegemônicos da masculinidade, internalizados por eles. Logo, xingamentos e assédios verbais, preconceituosos, como “bixinhas”, “veadinhos”, entre os próprios homossexuais, afirmam a presença de uma hierarquia na comunidade gay. Onde esta, atribui a imagem do homem homossexual gay afeminado como uma categoria inferior e subalternada (Baére, Zanello & Romero, 2015).

*[...]”Pega por exemplo, um gay afeminado, mas que é bombado, ele não é tão esculachado dentro da própria comunidade, porque, pelo menos, possui um corpo gostoso, desejável. Agora, uma magrela, afeminada, ela tem que ser esculachada, ela vira piada”. (Rogério).*

Conclui-se que o processo de subjetivação de homens gays, principalmente para os afeminados, é associado a grandes dificuldades, sentimentos de desprazer, os quais motivam-os a experienciar sem suas vidas, a exclusão social, isolamento afetivo, sentimentos de despertencimento até mesmo em desistir de suas próprias vidas. Isso se agrava, ao deparar com tais sentimentos dentro de sua própria comunidade, onde muitas vezes acabam se vendo sozinhos e sem apoio.

*“Acho que a comunidade é muito hostil, ela exige muita coisa de nós gays. Até não gosto de usar a palavra comunidade, acho que comunidade não é a palavra certa para definir pois ainda não age como uma. Acho que para se tornar uma comunidade mesmo, precisa superar muita coisa ainda, precisa*

*de todos nós unidos, porque tem muita gente morrendo ainda, muita gente morrendo por violências dentro da própria comunidade” (Paulo).*

## Considerações Finais

As construções simbólicas e subjetivas de homens gays, possuem uma relação com os dispositivos de poder que articulam as práticas e discursos sociais que constituem, em sua base, a masculinidade hegemônica. Essa, por sua vez, é ainda compreendida como uma espécie de norma, presente no processo sociocultural, a qual define papéis de gênero, sexualidade e da representação de masculinidades. Fomentando assim, para um certo controle social, evidenciando que quaisquer tipos de masculinidade ou sexualidade, que diferem de seus padrões e estereótipos, sofram diversas consequências (Reis, Ferro & Rodrigues, 2022).

O trabalho então, estuda as origens epistemológicas da masculinidade hegemônica e seus desdobramentos nas construções subjetivas de homens gays, destacando os afeminados. Esse destaque revela-se pelo aprofundamento dos estudos sociais e psicanalíticos, que compreendem que a base da masculinidade hegemônica e, uma de suas principais consequências: a homofobia, que está articulada com a afeminofobia.

Destaca-se então a afeminofobia, um conceito aqui aprofundado sob a teoria dos estudos psicanalíticos articulados com a fobia, revelando que o feminino e aspectos relacionados à feminilidade se tornam objetos fóbicos aos homens, quando associados às suas masculinidades. Esse ajustamento psíquico, associando elementos relacionados ao feminino como um objeto fóbico, é uma forma que criaram, inconscientemente, para evitar a angústia da castração e a fragilidade de suas masculinidades. Constituindo então, que a masculinidade hegemônica presume do afastamento total da associação com o feminino, uma forma de garantir a total supremacia da masculinidade e marginalização dos que assumem ou evidenciam em si associações da feminilidade (Silva, 2005).

Logo, homens gays e, principalmente homens gays afeminados, acabam se tornando alvos de discriminação, violências e marginalização social por consequências da afeminofobia, sendo esta um dos pilares da homofobia. Diante do cenário social, onde a hegemonia, misoginia, homofobia e afeminofobia ainda estão enraizadas, estas acabam influenciando os processos de subjetivação de homens gays. Pois desde suas infâncias já entram em contato com tais elementos, fazendo-os passar

por dificuldades no processo de reconhecimento de suas sexualidades e a levarem a diversos ajustes simbólicos em busca do pertencimento e acolhimento (Cunha & Mattos, 2022).

Sentimentos de pertencimento e acolhimento acabam sendo até mesmo difíceis de serem encontrados dentro da própria comunidade gay. Onde muitos homens, por influências do enraizamento social da masculinidade hegemônica, da afeminofobia e homofobia, acabam internalizando tais padrões e estereótipos para si mesmos e para os outros. Sendo assim, capaz de observar influências da homofobia e afeminofobia em seus processos identitários, na construção de seus desejos, ideais sexuais e afetivos, influenciando muitas vezes para o sentimento de não despertencimento e de não acolhimento dentro da comunidade gay. Sendo este um grande motor para agravar o adoecimento e sofrimento psíquico de homens gays (Macedo & Ortis, 2020).

Considera-se então de extrema importância a atuação da atuação de psicólogos e psicanalistas clínicos para proporcionar um espaço seguro e acolhedor, ajudando a explorar questões sobre vivências, identidades e autoimagem de homens gays, assim como membros da comunidade LGBTQIAPN+. Assim como auxiliá-los a superar suas adversidades, desafios e inseguranças, promovendo o fortalecimento de suas autoestima, bem-estar, saúde mental e qualidade de vida (Pereira, 2014).

Evidencia-se a importância de maiores discussões, estudos e aprofundamentos teóricos sobre as diversas interpretações epistemológicas sobre afeminofobia, seus desdobramentos e impactos nos homens gays. Assim como, sugere-se maiores aprofundamentos na discussão acerca das temáticas da interseccionalidade e capacitismo, contribuindo para um estudo ampliado considerando as diversas vivências e realidades homossexuais.

## Referências Bibliográficas

- Adaid, F. (2016). Uma discussão sobre o falocentrismo e a homofobia. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 27(1).
- Ambra, P. (2019). *Cartografias da Masculinidade*. Cult, São Paulo, ano 2.
- Andreoli, G. (2011). *Representações de masculinidade na dança contemporânea*. Movimento (Porto Alegre), 17(1), 159–175.
- Antunes, P. (2016). *Homofobia internalizada: o preconceito do homossexual contra si mesmo*. 433 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Baére, F. D., Zanello, V., & Romero, A. C. (2015). Xingamentos entre homossexuais: transgressão da heteronormatividade ou replicação dos valores de gênero?. *Revista bioética*, 23, 623-633.
- Barbosa, M. (2017). *Os Efeitos da Homofobia na Construção das Identidades Sexuais Não-Hegemônicas e o Papel da/o Psicóloga/o na Promoção da Saúde*. Uniceub. Brasília - DF.
- Bastos, M. & Nogueira, R. (2016). Estereótipos de gênero em contos de fada: uma abordagem histórico-pedagógica. *Dimensões*, (36), 12-30.
- Bento, B. (2017). *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA
- Besset, V. L., Nigri, K. K., & Almeida, L. P. D. (1999). A fobia e o pânico em suas relações com a angústia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15, 177-180.
- Bonfim, F. G., & Vidal, P. E. V. (2009). A feminilidade na psicanálise: a controvérsia quanto à primazia fálica. *Fractal: Revista de Psicologia*, 21, 539-548
- Bourdieu, P. (2005). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Borrillo, D. (2009). *A homofobia*. Em Lionço, T. & Diniz, D. (Orgs), *Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio* (pp. 15-46). Brasília: Letras Livres / Editora da Universidade de Brasília.
- Braga I., Oliveira W., Silva J., Mello F. & Silva M. (2018). *Family violence against gay and lesbian adolescents and young people: a qualitative study*. Rev Bras Enferm [Internet]. 2018;71(Suppl 3):1220-7. [Thematic Issue: Health of woman and child] DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0307>
- Brito, R. (2019). *Gênero e sexualidade: interfaces entre a teoria psicanalítica e a contemporaneidade*. 2019. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2019.
- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- Butler, J. (2011) *Bodies that matter: On the discursive limits of sex*. Taylor & Francis.

- Cukiert, M., & Prizskulnik, L. (2002). *Considerações sobre eu e o corpo em Lacan*. *Estudos de Psicologia* (Natal), 7, 143-149.
- Cunha & Mattos (2022). *A subjetividade contemporânea do homem gay: Padronização Estética, Afeminofobia e Vigorexia*. *Revista Estudos Libertários – UFRJ*. Julho de 2022 Brasil.
- Connell, W. & Messerschmidt, W. & Fernandes, M. (2013). *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. *Estudos feministas*, 241-282. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>
- Demes, Chaterlard & Celes (2011). *O feminino como metáfora do sujeito na psicanálise\**. *Rev. Mal-Estar Subj.* vol.11 no.2 Fortaleza 2011
- Fernandes, P. (2011). *O Homem Lésbico: Uma Análise Sobre o Conceito do Afeminado e do Papel de Gênero na Sociedade*.
- Ferrari (2021). *Nas tramas da sexualidade: um estudo sobre trajetórias afetivo-sexuais de homens jovens gays*. (Doctoral dissertation).
- Francisco, Barros, Pacheco, Nardi, & Alves (2020). *Ansiedade em minorias sexuais e de gênero: uma revisão integrativa*. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 69, 48-56.
- Freud, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos*. *Sigmund Freud*; tradução Paulo César de Souza. São Paulo : Companhia das Letras, 2016.
- Freud, S. (1895a) “*Obsessões e fobias*”, v.III, p.73-83. Edição standart das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Gregolin, M. (1995) *A Análise Do Discurso: Conceitos E Aplicações*. Departamento de Linguística - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - São Paulo.
- Holanda, J (2020). *A Construção das Identidades Masculinas: O Olhar de Alunos do Ensino Médio*. Centro Universitário de Brasília – UniCEUB Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD Curso de Mestrado em Psicologia Linha de Pesquisa: Psicologia e Educação.
- Iannini, G (2019). *Caro Caro Dr. Freud, Respostas do século XXI a uma carta sobre homossexualidade*. Autêntica Editora
- Junqueira, R. D. (2009). *Introdução - Homofobia nas escolas: um problema de todos*. Em R. D. *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas* (pp. 13-51). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO.Kimmel, M. (2016). *Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero*.

- Kellner, D. (2002). *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP, EDUSC, 2001, 454 pp.
- Lacan, J.(1958) *A significação do falo*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998.
- Louro, L. (2009). *Heteronormatividade e homofobia*. Em Junqueira. R. D., Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas
- Macedo & Ortis (2020). “*Não sou e nem curto afeminados*”: uma análise da afeminofobia no Grindr1.
- Madureira, A. F. A. (2000). *A construção das identidades sexuais não-hegemônicas: gênero, linguagem e constituição da subjetividade*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/42649>.
- Madureira, A. (2010). *Gênero, sexualidade e processos identitários na sociedade brasileira: tradição e modernidade em conflito*. Em A. L. Galinkin & C. Santos (Orgs.), *Gênero e Psicologia Social: interfaces* (pp. 31-63). Brasília: Tecnopolik.
- Maia, R. S. (2013). *A diversidade de gênero e o avesso dos contos de fadas no cinema: reflexões contemporâneas*. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10.
- Marciano, J. (2021). *Abaixo a conspiração do silêncio: a importância da representatividade na mídia para adolescentes LGBTQIA+ e a utilização dessa representação como ferramenta de discussão em sala de aula*. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.
- Meyer, I. H., & Dean, L. (1998). *Internalized homophobia, intimacy, and sexual behavior among gay and bisexual men. Stigma and sexual orientation: Understanding prejudice against lesbians, gay men, and bisexuals*, 4, 160-186.
- Michel, M. (2005). *O Estigma Do Passivo Sexual - Um símbolo de estigma no discurso cotidiano*. Publicações do Núcleo de Estudos da Cidadania, Conflito e Violência Urbana (IFCS-UFRJ).
- Minayo, S. (2016). *Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta*. Em M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 56-71). Petrópolis – RJ: Vozes.
- Mistura, T. F. (2013). *Gênero, masculinidades e violência: um olhar da psicanálise*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Misse, M. (2005). *O Estigma do passivo sexual: um símbolo de estigma no discurso cotidiano*. Vol. 3. Rio de Janeiro, Booklink. NECVU/IFCS/UFRJ.

- Moleiro, C., & Pinto, N. (2009). *Diversidade e psicoterapia: Expectativas e experiências de pessoas LGBT acerca das competências multiculturais de psicoterapeutas*. *Ex aequo*, (20), 159-172.
- Moura & Nascimento (2020). “*Eu Não Virei, Eu Nasci*”: discutindo a Afeminofobia a partir da figura do gay e do menino afeminado *Simbiótica*. *Revista Eletrônica*, vol. 7, núm. 2, 2020 Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil
- Leon, R. (07/01/2023). *Queer people don't grow up as ourselves, we grow up playing a version of ourselves that sacrifices authenticity to minimise humiliation[tweet]*. Twitter.  
[https://twitter.com/alexand\\_erleon/status/1214459404575100928](https://twitter.com/alexand_erleon/status/1214459404575100928)
- Orlandi, P. (2003). *A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil*. *Seminário de Estudos em Análise de Discurso*, 1, 8-18.
- Parker, R. (1991). *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora Best Seller.
- Pereira (2014). *Sentidos de psicoterapia para homens gays*. Universidade Federal de Uberlândia.
- Pereira, H., & Leal, I. P. (2005). *Medindo a homofobia internalizada: A validação de um instrumento*. *Análise Psicológica*, 23(3), 323-328.
- Piscitelli, A. (2019). *Gênero: a história de um conceito*. In: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo. *Diferenças, igualdade*. São Paulo, Berlendis & Vertecchia, 2009, pp. 116-148.
- Pêcheux, M. (2005). *Michel Pêcheux e a Análise de Discurso*. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Labeurb/IEL.
- Quinet, A. (2009). *As Homossexualidades Na Psicanálise. - na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma Editores. 392 p.
- Reis, A. & Ferro, A. & Rodrigues, F. (2022). *Gosto de homem com jeito de homem: As configurações do desejo, da atração e da sexualidade na busca pela masculinidade ideal*. RECIMA21- Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia. v.3, n.2,2022.
- Rosa, D., & Domingues, E. (2010). *O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação*. *Psicologia & Sociedade*, 22,180-188.
- Rosa, D. (2004). *A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica*. *Revista Subjetividades*, 4(2), 329-348.
- Sartori & Ceccarelli (2021). *A feminilidade (1933): uma “virada subversiva” na teorização freudiana e a elaboração psicanalítica do gênero*. Belo Horizonte, Junho, 2021
- Scott, W. (1996). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação & Realidade.

- Sedgwick, E. K. (2007). *A epistemologia do armário*. *Cadernos pagu*, 19-54.
- Serra, L. (2019). *A psicanálise e os crimes de ódio contra a população LGBT*. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Silva, D. Q. D., & Folberg, M. N. (2008). *De Freud a Lacan: as ideias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina*. *Estudos de psicanálise*, (31), 50-59.
- Silva, E. L. D. S. (2016). *Escritas e leituras de mim: uma reflexão acerca da epistemologia do armário a partir da minha autobiografia*. *Ars Historica*, (12), 292-306.
- Takakura, S. M. (2016). *Masculinidade como homofobia: Medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero*. *Equatorial—Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, 3(4), 97-124.
- Toledo & Pinafi (2012). *A clínica psicológica e o público LGBT*. Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Valdivia, O. B. (1997). *Psicanálise e feminilidade: algumas considerações*. *Psicologia: ciência e profissão*, 17, 20-27.
- Veiga, L. (2018). *As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil*. *Revista Tabuleiro de Letras, PPGEL – Salvador, Vol.: 12; nº. 01, junho*.
- Ward, I. (2005). *Fobia*. Tradução Tuca Magalhães - Rio de Janeiro - Relume: Ediouro, Segmento Duetto 2005.
- Wolf, N. (1992) *O mito da beleza*. Rocco.
- Yoshioka, B. (2018). *Ressignificando as Representações Acerca das Masculinidades: Uma Ação Preventiva em Relação à Violência*. Uniceub. Brasília - DF.
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris.

## Apêndices A - Roteiro de Entrevista Semi-Estruturada

- 1- Dados sociodemográficos ( idade, classe social, raça/etnia)
- 2- Como foi o processo de reconhecimento ou auto aceitação de sua sexualidade?
- 2- Quais os principais desafios você enfrentou ao se identificar como um homem gay?
- 3- Quais os principais desafios você enfrenta sendo um homem gay na atual sociedade brasileira?  
Exemplifique.
- 4- Quais as principais vantagens de ser um homem gay na atual sociedade brasileira?  
Exemplifique
- 5- Você se sente confortável com sua aparência física? Se não, por que?
- 6- O que você considera como Masculinidade? Te representa? Acha atraente?
- 7- O que você considera como Feminilidade? Te representa? Acha atraente?
- 8- Qual a sua opinião sobre homens gays afeminados?
- 9- Qual o tipo de parceiro ideal para um relacionamento?
- 10- Que tipo de parceiro ideal para uma relação sexual?
- 11- Você se sente confortável na comunidade gay? Se sim, exemplifique. Se não, detalhe.
- 12- Gostaria de falar sobre mais algum tópico que não foi perguntado, relacionado com suas vivências sendo um homem gay?

## **Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE**

### **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE**

#### **Masculinidade hegemônica, afeminofobia e sofrimento psíquico à partir da experiência de homens gays**

**Instituição dos(as) pesquisadores(as): Centro Universitário de Brasília - UniCEUB**

**Pesquisadora responsável: Profa. Me. Livia Campos e Silva**

**Pesquisador(a) assistente: Luis Fernando Olivalves**

Você está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a expressar a sua concordância.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

#### **Natureza e objetivos do estudo**

- O objetivo deste estudo é analisar os impactos da masculinidade hegemônica no sofrimento psíquico e nos processos de subjetivação de homens gays afeminados.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por corresponder ao perfil de participante delimitado para essa pesquisa.

#### **Procedimentos do estudo**

- Sua participação consiste em responder uma entrevista individual presencial ou virtual sobre o tema focalizado na pesquisa.
- O procedimento consiste em uma entrevista individual presencial ou virtual, com a apresentação de um questionário previamente estruturado. A entrevista será gravada em áudio, com o seu consentimento, para facilitar o posterior trabalho de análise.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.

**Riscos e benefícios**

- Este estudo possui baixos riscos que são inerentes ao procedimento de entrevista.
- Medidas preventivas serão tomadas durante a entrevista, por exemplo, será esclarecido que não há respostas certas ou erradas em relação às perguntas que serão apresentadas e que é esperado que o(a) participante responda de acordo com as suas opiniões pessoais.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir com a construção de uma compreensão mais aprofundada acerca do tema investigado.

**Participação, recusa e direito de se retirar do estudo**

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com uma das pesquisadoras responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

**Confidencialidade**

- Seus dados serão manuseados somente pelas pesquisadoras e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- O material com as suas informações (gravação em áudio da entrevista) ficará guardado sob a responsabilidade do pesquisador assistente, Luis Fernando Olivalves, com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e será destruído após a pesquisa.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail [cep.uniceub@uniceub.br](mailto:cep.uniceub@uniceub.br). Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Participante

---

Professor/a Responsável: Livia Campos e Silva

---

Pesquisador Responsável: Luis Fernando Olivalves

**Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa:**

Instituição: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB

Endereço: SEPN 707/907, Campus do UniCEUB

Bairro: Asa Norte

Cidade: Brasília - DF

CEP: 70790-075

Telefone p/contato: (61) 3966-1200